

M.1207

P.2

Cx.B.60

Pesquisa

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DE SÃO PAULO
DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

Professores:-

Teresa Coletto

Adla Neme

Celso João Ferretti

Sylvia Alves

RELATÓRIO
DOS
TRABALHOS REALIZADOS NAS
CLASSES EXPERIMENTAIS
1959

Revisão e redação final:-

Celso João Ferretti

e

Sylvia Alves

Í N D I C E

	Pág.
APRESENTAÇÃO - - - - -	1
I. INTRODUÇÃO - - - - -	2
II. ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES- - - - -	5
III. AREGIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS - - - - -	8
IV. DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS DE ENSINO - - - - -	9
Objetivos do Programa do 1º ano- - - - -	11
- Linguagem- - - - -	11
- Aritmética e Geometria - - - - -	11
- Estudos Sociais- - - - -	12
- Artes- - - - -	12
V. PLANEJAMENTO GERAL PARA O CURRÍCULO- - - - -	13
VI. SELEÇÃO DE PROFESSORES PARA A REGENCIA DAS CLASSES EXPERIMENTAIS DO CRPE- - - - -	16
1. Introdução- - - - -	16
2. A entrevista e o processo de classificação- - - - -	16
3. Seleção dos candidatos finalistas - - - - -	17
4. Análise dos resultados: Estudo realizado- - - - -	17
5. Respostas, por categoria, à 1ª questão proposta - - -	19
6. Respostas, por categorias, da 2ª questão proposta - -	19
7. Formulário para a seleção de professores- - - - -	19
VII. PRIMEIROS PASSOS NA ORIENTAÇÃO DOS PROFESSORES DE CLASSE- - - - -	20
VIII. PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES DE CLASSE FEITAS PELAS PROFESSORAS	20
IX. EXAMES MÉDICOS DAS CRIANÇAS - ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE TESTES- - - - -	21
X. O TRABALHO DE CLASSE - - - - -	22
1. Linguagem e Leitura - - - - -	23
2. Aritmética- - - - -	26
3. Arte- - - - -	31
4. Estudos Sociais - - - - -	34
XI. REUNIÕES DE PAIS E MESTRES - - - - -	34
1ª reunião- - - - -	34
2ª reunião - - - - -	35
3ª reunião - - - - -	36
4ª reunião - - - - -	37
5ª reunião - - - - -	37
6ª reunião - - - - -	38
7ª reunião - - - - -	38

XII.	PROBLEMAS SURGIDOS DURANTE O PERÍODO DE 30.3 a 15.12.59 NO DESENVOLVIMENTO DO PLANO PROPOSTO PARA AS CLASSES <u>EX</u> PERIMENTAIS- - - - -	39
	1. Problemas surgidos quanto à orientação dos profs. - - -	39
	2. Problemas surgidos com relação às professoras orientadas- - - - -	40
	3. Problemas relativos aos bolsistas - - - - -	41
XIII.	CONSIDERAÇÕES GERAIS A RESPEITO DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO PERÍODO DE 30.3 a 15.12.59- - - - -	41
XIV.	PROMOÇÃO- - - - -	43
XV.	CONCLUSÕES E SUGESTÕES- - - - -	44
	1. Orientação - - - - -	44
	2. Professôres em treinamento- - - - -	44
	3. Trabalho com os pais- - - - -	45
	4. Avaliação do trabalho das crianças- - - - -	45
	5. Trabalho com as crianças- - - - -	45
XVI.	RELAÇÃO BREVE DAS VISITAS RECEBIDAS PELAS CLASSES <u>EXPERI</u> MENTAIS NO SEGUNDO SEMESTRE DO ANO LETIVO DE 1959- - - -	46

A P R E S E N T A Ç Ã O

Ao apresentarmos êste relatório, queremos externar aqui o nosso agradecimento a todos que colaboraram conosco para o êxito do nosso trabalho. Especialmente nos dirigimos aos senhores Dr. Fernando de Azevedo, DD. Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, Dr. Joel Martins, ex-diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do CRPE, e Prof. Heládio Cesar Gonçalves Antunha, atual Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério.

Cumpre-nos ainda tornar evidente que é nosso entusiasmo pelo trabalho iniciado que nos leva ao desejo firme de continuá-lo.

O interêsse que o mesmo tem despertado não só entre educadores, professores, diretores, supervisores, e mesmo leigos, da Capital como também do interior do Estado, tem constituído real estímulo ao desenvolvimento de nossas atividades. Os resultados alcançados no ano de 1959, permitem-nos ver em nosso modesto trabalho amplas perspectivas não só junto ao Ensino Primário do nosso Estado, mas quiçá do Brasil.

Assim pensamos sem a menor vaidade, mas com o alto espírito de fé e confiança num trabalho que tem contado com o melhor de nossos esforços, e que tem à frente um educador de tão altos méritos, o Dr. Fernando de Azevedo.

Se êste relato de nossos trabalhos puder ser de alguma utilidade a outros professores que se dedicam à nobre tarefa da educação de nossa infância, teremos alcançado o objetivo proposto ao redigi-lo e nos sentiremos amplamente recompensados pelo esforço nele dispendido.

Os professores

* * *

(I) INTRODUÇÃO

Como parte do Projeto ^{Principal} ~~Maiores~~ da UNESCO, funcionaram no CRPE durante o ano letivo de 1959, duas classes experimentais de 1º grau primário. A necessidade de organização de tais classes decorreu de uma situação especial em que se encontravam e ainda se encontram as escolas primárias do Estado de São Paulo. O Curso de Especialistas em Educação pedia a existência de uma Escola Primária funcionando nas proximidades do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, a fim de que os participantes do Curso pudessem fazer observações e estágios, dedicando-se ao estudo de planejamento de Currículo, sem que com isso houvesse uma perda de tempo muito grande com transporte e locomoção. A escola evidentemente deveria recair sobre o Grupo Escolar Alberto Tôrres, no Butantã, que por várias razões, além da proximidade espacial, deveria satisfazer a todas as necessidades exigidas. O corpo docente desejava participar de um trabalho de cooperação com o CRPE, a Diretora do Grupo, sempre manifestou o maior entusiasmo pelo trabalho do Centro, colocando à disposição dos participantes todas as facilidades existentes no estabelecimento. Entretanto, surgiram alguns obstáculos que impediram a execução do planejamento de um programa de participação com o grupo escolar mencionado. Além disso, a própria organização do Grupo Escolar, do ponto de vista da distribuição dos alunos e do número de classes, deixava muito a desejar quanto à possibilidade de estudo de planejamento do currículo e de observação das crianças na sala de aula.

Conforme poder-se-á verificar do projeto de pesquisa em ação que se desenvolvia no Curso de Especialistas em Educação para a América Latina, todos os dados referentes à identificação das crianças eram prejudicados pela falta de informações precisas e dificuldade de localização dos endereços das crianças. Esta condição pedia pesquisa de campo, que foi realizada posteriormente, no decorrer do ano, paralelamente às observações e ao estudo de planejamento de currículo, antes que qualquer iniciativa de observação pudesse ser iniciada. Para melhores esclarecimentos sobre as condições em que se encontrava o Grupo Escolar Alberto Tôrres, segue uma demonstração da distribuição do efetivo daquele estabelecimento.

1. Período da manhã

Professor	Classe	Nº de crianças
Bernadete O. Barros.....	1ª	50
Alba Maria Sellitto.....	2ª	45
Sérgio Lacrimanti.....	3ª	37
João Batista Scanapieco.....	3ª	43
Eunice Dine.....	4ª	43
Cecília Stella.....	4ª	39
Walda Amaral Silveira.....	1ª	46
Maria Conceição Pôrto.....	2ª	42
Nelly Scaranari.....	3ª	44
Benedita M. Oliveira Menesco.....	4ª	41
Jandira Terezinha Gonçalves.....	4ª	40
Maria Helena Flôres.....	2ª	42
Angelina Campassi.....	3ª	46
Daisy Pagano Bruno.....	4ª	44
T o t a i s.....	14	602

2. Período da tarde

Marlene Novais.....	1ª	40
Antonio de Pádua Germano.....	2ª	45
Genésio Flôres.....	3ª	36
Ana Terezinha Martelli.....	2ª	38
Irene Arnaut.....	2ª	41
Arminda Gimenez.....	3ª	40
Eliete Maria Zalla.....	3ª	39
Marina Rossi.....	4ª	43
Margarida N. Oliveira.....	1ª	43
Maria Joana Furlan.....	1ª	40
Vanilda Gatuzo.....	1ª	43
Thereza Peres Fernandes.....	1ª	45
José Benedito Bartholomei.....	2ª	40
T o t a i s.....	13	533

Este quadro toma significado, apenas, quando se consideram as possibilidades que a escola, como uma unidade, oferecia para alojamento das crianças. O prédio foi construído tendo em vista o seu objetivo de escola experimental, devendo abrigar apenas onze classes, contendo cada uma um efetivo de 30 alunos. Dada a contingência de satisfazer matrículas consideradas pelo diretor como inadiáveis e necessárias, no decorrer do ano, após o término da construção, várias das dependências do prédio foram adaptadas para classes, onde passaram a funcionar salas de aula.

As condições em que o Grupo Escolar Alberto Tórres funcionava, constituíam uma excelente oportunidade para o planejamento e execução de uma pesquisa de campo, mas parecia pouco propício para estágios de observação e de planejamento de currículo. As atividades educativas executadas no Grupo Escolar Alberto Tórres, eram, com algumas exceções, as mesmas que existem, quase padronizadas, para as escolas comuns em São Paulo. Seria necessário, para a execução do plano traçado para os participantes do Curso de Especialistas em Educação, que o corpo docente do Estabelecimento participasse, pelo menos durante um semestre, de um curso rápido e intenso de treinamento nas novas técnicas de ensino e de planejamento de currículo, além de uma redução no efetivo, o que no momento parecia impossível. O Grupo Escolar Alberto Tórres, entretanto, ofereceu uma contribuição invulgar no desenvolvimento do projeto de pesquisa em ação em que os participantes do Curso de Especialistas em Educação estavam engajados, naquele momento.

Para atender as necessidades do Curso de Especialistas em Educação, foram então criadas junto ao CRPE duas classes experimentais de 1º ano sob a direção de professores especializados nos Estados Unidos, e sob coordenação do diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério com a colaboração dos técnicos americanos da UNESCO que participavam do II Curso de Especialistas em Educação.

Cumpre-nos, entretanto, observar que por motivos alheios à vontade de todos os interessados no bom funcionamento da Escola, essa orientação pelos professores da UNESCO não foi dada. Apenas o Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério, prof. Dr. Joel Martins, assistiu o desenvolvimento do trabalho, orientando-o e cooperando com o mesmo.

Esclarecemos ainda que além de funcionarem como campo de observação para bolsistas, as classes experimentais tiveram como principais objetivos a experimentação de novos métodos de ensino e também o treinamento de professores.

Mais especificamente, os objetivos a serem atingidos com a criação das classes, foram os seguintes:

Tentar demonstrar que:

1. No regime democrático de trabalho há mais oportunidade para o desenvolvimento da personalidade da criança, e atenção aos seus interesses e necessidades.
2. O professor deve conhecer e procurar atender no seu trabalho às necessidades individuais da criança.

3. Numa situação comum de classe, com orientação adequada, torna-se possível a modificação gradativa de certos métodos e atitudes dentro da escola primária.
4. Faz-se necessário melhor preparo do professor principalmente no que se refere ao desenvolvimento total da criança.
5. É necessária a coordenação de trabalho do inspetor, diretor e professor para o bom êxito das atividades da escola primária.

(II) ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES

As duas classes de primeiro grau constituiriam assim a estrutura básica da possível escola do CRPE, refletindo a filosofia que deverá nortear os trabalhos, quando o prédio já estiver construído e as demais classes organizadas. Os quatro professores, preparados nos Estados Unidos da América do Norte, sob os auspícios do INEP e com o auxílio do Ponto IV do Governo Americano (International Cooperation Administration), funcionarão como supervisores das diferentes atividades, planejando as unidades de ensino e de trabalho, bem como orientando os novos professores no seu treinamento didático. A orientação no campo da leitura, linguagem e escrita estará a cargo da professora Sylvia Alves; a de arte a cargo do professor Celso João Ferretti; a de estudos sociais a cargo da professora Tereza Coletto e a de aritmética a cargo da professora Maria Ap. Paiva F. Pinto. A partir de 14 de setembro de 1959, a orientação de aritmética, passou, em virtude da profª Maria Ap. Paiva Ferreira Pinto haver se ausentado do país, a ser feita pela profª Adla Neme, recém-chegada dos Estados Unidos, onde se especializou naquela matéria.

O projeto de organização das classes estabelecia que a regência das mesmas fosse confiada a dois professores formados em escolas normais do Estado de São Paulo, sem treinamento no exterior. Tais professores foram selecionados entre um grupo de candidatos que se apresentaram atendendo ao edital de concurso publicado pelo Centro.

Dentre os quatro professores-supervisores, um deles exerceu as funções de coordenador geral dos trabalhos, esboçando-se dessa forma, as funções de administração da futura escola.

1. Porque professores sem treinamento no exterior:

- a) Porque esta condição oferece uma situação mais real aos observadores, uma vez que as escolas paulistas contam, na maioria, com a contribuição de professores nessa categoria.
- b) Para demonstrar que qualquer professor orientado poderá modificar a sua forma de trabalho, como foi observado nas atividades do PABAAE, em Belo Horizonte.
- c) Para oferecer aos bolsistas do Centro e para os inspetores e diretores, sugestões sobre as possibilidades que eles possuem de orientar os professores, bem como do processo de fazê-lo.

2. Porque professores substitutos.

- a) Não têm classe própria.
- b) Não representarão ônus para o Estado.
- d) Aceitarão mais facilmente novas idéias e orientação por terem tido menor contato com os métodos e atividades tradicionais e routineiros de nossas escolas em geral.

Aproveitamento dos professores com treinamento no exterior para trabalhar como grupo especializado de orientação.

1. Porque o grupo especializado agindo como consultor.

- a) Cada componente do grupo contou com experiência e especialização em uma área, podendo assim oferecer mais eficiente e maior contribuição no campo da mesma.
- b) O consultante desobrigado de dar aulas disporia de maior tempo para aperfeiçoamento de seu trabalho através do planejamento com o professor, observações de classe e avaliação.
- c) A avaliação conjunta pelos professores de classe e consultantes traria sempre idéias novas e mais práticas.
- d) O planejamento conjunto do grupo de consultantes permitiria a tentativa de organização de currículo integrado.

Os professores treinados no estrangeiro deveriam trabalhar desempenhando as funções de auxiliares, desenvolvendo as seguintes atividades:

1. Orientação aos professores novos:

- a) Planejando em conjunto, através de reuniões, todas as atividades diárias a serem desenvolvidas nas classes pelos professores, organizando um boletim informativo das mesmas.
- b) Assistindo as aulas e observando-as quando necessário, principalmente em se tratando de aula de demonstração para os bolsistas.
- c) Avaliando diariamente o trabalho com os professores de classes para discutir os pontos julgados necessários. O mesmo fariam com os bolsistas após a realização de observações conjuntas.

2. Organizando "workshops" para os participantes de cursos do Centro ou interessados, constando de:

- a) Discussão de problemas especializados.
- b) Preparo e uso de material didático especial ou de fácil aquisição nas seguintes matérias: linguagem, aritmética, estudos sociais e artes.

3. Porque organizar "workshops" para os participantes de cursos do CRPE ou interessados.

- a) No final do ano de 1958 os bolsistas procuraram continuamente o grupo especializado para esclarecimento das atividades, métodos e procedimentos dos professores da classe-laboratório do CRPE e para esclarecimentos de dúvidas trazidas de suas experiências anteriores.
- b) O "workshop" oferecia tempo e oportunidade para discussão de problemas enfrentados pelos participantes em situação de ensino.
- c) Permitiria a demonstração de como preparar material barato e útil para o uso nas classes primárias e da importância da participação da criança no preparo desse material.
- d) Daria oportunidade aos bolsistas de participarem desse trabalho individualmente ou em grupos.

Planejamento de uma Associação de Pais e Mestres e demonstrar como deveria funcionar tal associação para atingir seus objetivos.

1. Porque a Associação de Pais e Mestres.

- a) Para esclarecê-los sobre como a escola deve trabalhar com as crianças e porque, obtendo assim seu apoio e cooperação.
- b) Para que os pais fossem esclarecidos através de conferências individuais com o professor e consultantes, do desenvolvimento escolar da criança, evitando-se assim o valor exagerado que se dá às simples notas de boletim.
- c) Desenvolver nos pais a aceitação de responsabilidade pela escola da comunidade.

Planejamento das Classes Experimentais.

Discutidas as condições em que funcionavam e funcionam nas escolas, estabeleceu-se que as Classes Experimentais do CRPE, para melhor atenderem seus objetivos deveriam funcionar nas seguintes bases :

1º Organizar classes de 1º grau, compostas de crianças de 7 e 8 anos.

1. Porque duas classes.

- a - Os bolsistas teriam maior campo para observação:
 - 1º - do desenvolvimento do plano de trabalho como um todo;
 - 2º - das reações das crianças individualmente ou em grupo a novos métodos de trabalho.

2. Porque oficializadas.

- a. Para oferecer às crianças segurança e continuidade de seus estudos na Escola-Laboratório do CRPE.
- b. Para assegurar a possibilidade de promoção das crianças, evitando situação idêntica à de 1958.

- c. Para assegurar às crianças, no caso de transferência, aceitação em outras escolas.
3. Porque duas classes de 1º ano.
- a. Tratando-se de um trabalho de orientação, êste seria mais eficiente e seguro se os esforços fossem conjugados e concentrados inicialmente em um só grau.
- b. Haveria continuidade no plano uma vez que as crianças que compusessem essas classes formassem no ano seguinte um ou dois segundos anos e assim sucessivamente, até se formar um curso primário completo para demonstração e experimentação junto ao CRPE.
- c. Para contar com crianças que ainda não tivessem experiência escolar.
4. Porque trinta crianças em cada classe.
- a. Sem ser ideal para classe-laboratório, corresponderia ao número médio de matrícula por classe em nossas escolas.

(III) ARREGIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS

A arregimentação de crianças de 7 a 8 anos não foi possível por não haver nos grupos escolares procurados, excedentes dentro do limite de idade estabelecido no plano, e porque a retirada de crianças já matriculadas constituiria uma desorganização dos efetivos dessas unidades escolares, conforme esclarecimentos prestados pelos diretores das mesmas.

Uma dificuldade encontrada no provimento das classes com crianças provenientes das classes dos Grupos Escolares, é aquela referente às idades. Sempre que se matriculam excedentes, torna-se mais difícil a seleção na base das idades. A variação de idades das crianças que frequentam o primeiro ano dos Grupos Escolares abrange um intervalo de 7 a 12 anos. Esta condição - idade -, era uma condição "sine qua non" para o planejamento das classes do CRPE.

A proposição inicial do plano, de se matricularem crianças com idade cronológica variando de 7 a 8 anos, foi rejeitada, uma vez que no início da matrícula (9.3.59) as crianças dessa idade que habitavam os bairros próximos ao Centro já haviam sido matriculadas nas escolas primárias existentes nos mesmos (Pinheiros, Butantã, Cidade Universitária).

Novo limite de idade cronológica foi estabelecido (6 anos e 6 meses a 7 anos e 5 meses). Entretanto, mesmo com esta idade, poucos foram os pais que atenderam às publicações a respeito da matrícula.

Por essa razão, os professores solicitaram da direção do Grupo Escolar "Alfredo Bresser", em Pinheiros, uma lista de crianças de 6 anos e 6 meses a 7 anos e 5 meses que aguardavam oportunidades de matrícula naquele Estabelecimento.

De posse dessa lista (20 nomes aproximadamente), os professores percorreram as residências das crianças relacionadas, explicando aos pais o tipo de projeto que se pretendia desenvolver.

Na ocasião foram os pais cientificados das facilidades que seriam proporcionadas pelo CRPE às crianças, bem como da necessidade de assumirem o compromisso de assistirem às Reuniões de Pais e Mestres, sem o que não se aceitaria a matrícula proposta.

Foram efetuadas de 17.3.59 a 19.3.59 cêrca de 20 visitas diárias, perfazendo um total de 60 visitas, a diversas famílias das comunidades de Pinheiros e do Caxinguí.

Como a matrícula não tivesse atingido ainda, o número suficiente para a formação das duas classes, voltou-se a solicitar do Grupo Escolar "Alberto Tórres" uma lista de alunos das classes de 1º ano, abrangendo 264 crianças. Dessas, foram retiradas 20, por meio da tabela de números equiprováveis, para completar as classes do CRPE.

Conseguida esta amostra, ao acaso, consultaram-se os pais das crianças sorteadas, sôbre a possibilidade de transferência das mesmas.

Os pais não concordaram com tal transferência.

Continuando o número de crianças matriculadas insuficiente para possibilitar o funcionamento de duas classes, outras visitas foram feitas às residências de pessoas provávelmente interessadas.

Por fim, decidiu-se iniciar o trabalho com 20 crianças em cada classe, mantendo-se a matrícula aberta até 15 dias após o início das aulas, quando então seriam encerradas definitivamente. No encerramento da matrícula (15.4.59) havia um total de 50 crianças.

Nessa época, o processo de seleção de professores já havia sido terminado. Tratou-se, em seguida, da distribuição dos alunos pelas duas classes, ao mesmo tempo que se iniciava o planejamento para a 1ª semana de trabalho.

As crianças foram distribuídas inicialmente de acôrdo com a idade cronológica, sendo colocadas na primeira classe aquelas que completariam 7 anos ainda no primeiro mês de frequência, e na segunda classe, aquelas que contavam 6 anos e 6 meses de idade. Algumas alterações precisaram ser introduzidas neste critério inicial de distribuição, para atender às necessidades de composição da classe.

Na mesma época, os pais foram cientificados da data do início das aulas (30 de março) e da 1ª reunião de Pais e Mestres (3 de abril).

(IV) DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS DE ENSINO

NOTA: Estes objetivos gerais representam uma síntese dos objetivos propostos para cada matéria dentro do programa oficial para o 1º ano. A seguir, na apresentação dos objetivos particularizadamente para cada área de estudos, os números em parênteses junto aos objetivos de cada matéria indicam em que objetivo geral os mesmos se enquadram.

1. Desenvolver a personalidade integral da criança, oferecendo oportunidades de espontaneidade e criatividade de expressão.
2. Cultivar e desenvolver o espírito de observação.
3. Levar a criança a adquirir habilidade de pensamento crítico e de resolver situações-problemas em geral.
4. Desenvolver a compreensão e responsabilidade dos procedimentos democráticos da vida em sociedade.
5. Dotar a criança dos conhecimentos básicos relativos à saúde individual e ao bem estar da comunidade.
6. Levar a criança a adquirir habilidades necessárias à vida em sociedade e ao mesmo tempo habituá-la ao uso das mesmas.

* * * * *

* * * * *

* * * *

*

OBJETIVOS DO PROGRAMA DO 1º ANO
(Do programa do Estado de São Paulo)

LINGUAGEM

Linguagem Oral:

1. Estimular a criança a falar com espontaneidade.(1).
2. Habitua-la a exprimir-se em tom de voz natural e agradável, pronunciando e articulando bem as palavras. (1)
3. Cultivar-lhe o espírito de observação por observação e contato direto com a realidade. (2)
4. Levá-la a adquirir idéias claras, despertando-lhe o desejo de enunciá-las. (2)

Leitura:

1. Dotar a criança do conhecimento dos símbolos do pensamento e da capacidade de ler tanto idéias próprias como alheias expressas de maneira muito simples. (6)

Escrita:

1. Levar a criança a reproduzir sem hesitar tôdas as dificuldades de forma com leveza de traço, sem confundir as letras similares e os algarismos, todos com movimentos adequados. (6)
2. Desenvolver a coordenação viso-motora, ritmo de movimentos e princípios de mecanização da escrita. (6)

Linguagem escrita:

1. Habilitar a criança a expressar por escrito seus pensamentos, de modo claro. (1)
2. Habitua-la a pensar antes de escrever. (2)
3. Levá-la a expressar-se com vocabulário adequado e de forma correta. (1)

ARITMÉTICA E GEOMETRIA

1. Preparar a criança para a vida tornando-a capaz de resolver os problemas tôda vez que implique o uso do cálculo e medida. (3)
2. Aumentar não só os conhecimentos numéricos como também os de forma, pêso, tamanho, posição dos objetos, aproveitando o cabedal que a criança traz de casa. (6)
3. Iniciá-la na técnica das operações fundamentais. (6)

4. Desenvolver a habilidade de analisar e resolver problemas simples relacionados com as experiências de sua vida infantil e desde cêdo interessá-la nos problemas econômicos de família e do ambiente, assim, o ensino prático e educativo. (3-6)

ESTUDOS SOCIAIS

Geografia:

1. Levar a criança a tornar a observação um hábito precioso para a aquisição de conhecimentos. (2)
2. Levar a criança, pela observação do ambiente que a rodeia, a compreender a influência do meio sôbre a vida do homem. (2)

História do Brasil:

1. Despertar na criança o gôsto pelo conhecimento do passado histórico de nossa terra. (2)
2. Enriquecer o seu espírito de noções históricas, despertando-lhe o entusiasmo e amor à pátria. (2)

Educação Moral e Cívica:

1. Levar a criança a formar bons hábitos morais, sociais e cívicos, através da prática de alguns deveres no lar, na escola e na sociedade. (4)
2. Despertar na criança o interêsse pelos símbolos da pátria. (4)

Ciências Naturais e Higiene:

1. Levar a criança a adquirir o hábito de observar a natureza, despertando-lhe o interêsse principalmente para o estudo de animais e plantas do meio em que vive. (2)
2. Habitua-la a praticar bons hábitos de higiene como uma das condições de boa saúde. (5)

ARTES

Desenho:

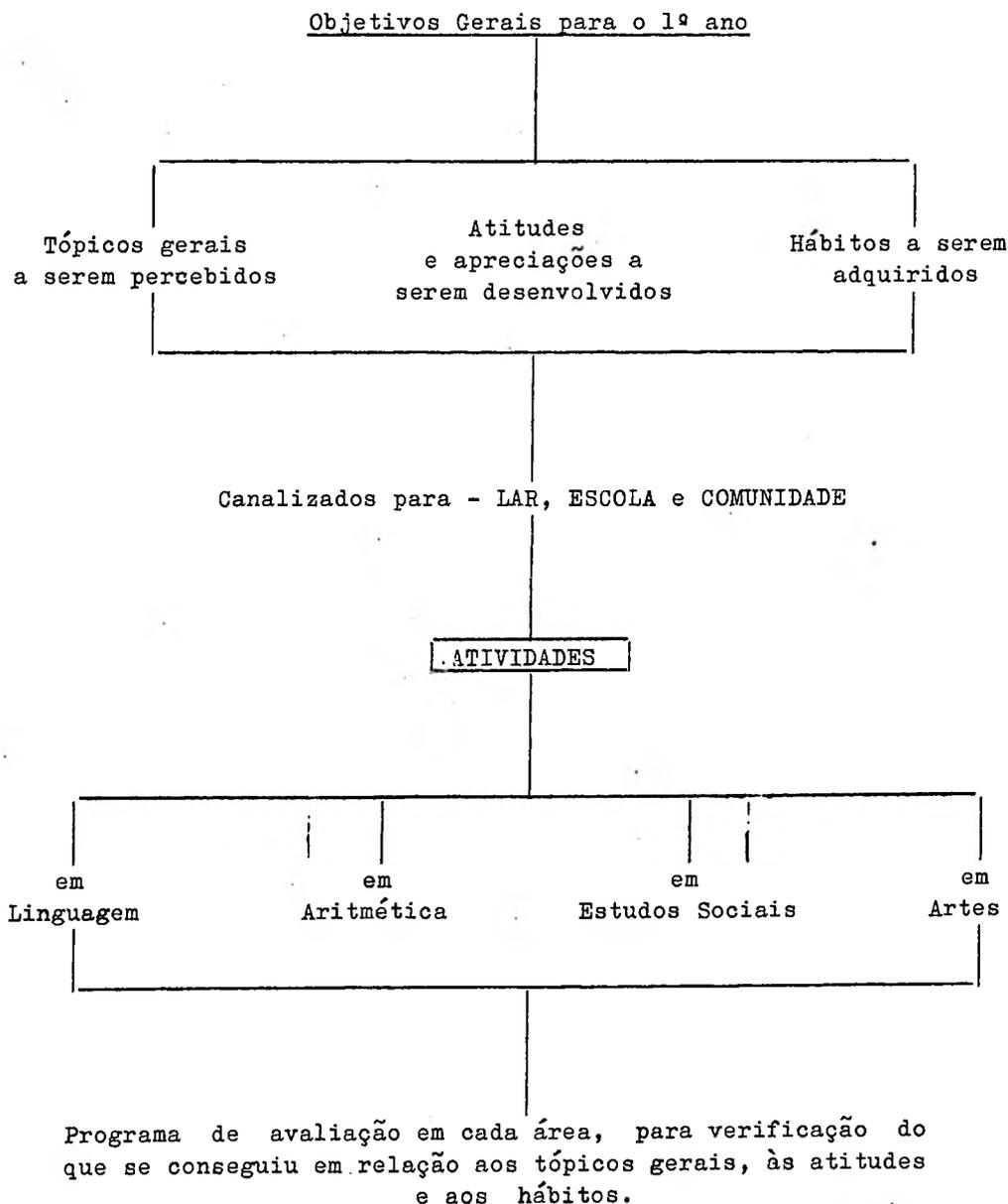
1. Orientar a criança no manejo do lápis e do papel; favorecer o desenvolvimento viso-motor. (6)
2. Favorecer o desenvolvimento da personalidade através do desenho espontâneo. (1)
3. Desenvolver o gôsto pelas côres e a distribuição do trabalho no papel. (2).

Trabalhos manuais:

1. Levar a criança a adestrar suas mãos exercitando-a em técnicas bem simples. (6)
2. Formar-lhe hábitos de trabalho, ordem, asseio e economia. (4)
3. Desenvolver-lhe a iniciativa. (1)

(V) PLANEJAMENTO GERAL PARA O CURRÍCULO

(esquema dos passos seguidos na elaboração do currículo).



-44-

TÓPICOS GERAIS A SEREM PERCEBIDOS	ATITUDES E APRECIÇÕES A SEREM DESENVOLVIDAS	HÁBITOS A SEREM ADQUIRIDOS
1. A vida em família como centro de união exige de seus membros responsabilidade e <u>co</u> operação.	1. <u>A</u> preciação das <u>respon</u> sabilidades de pais e filhos no lar. 2. <u>A</u> preciação do lar e do trabalho dentro do mesmo. 3. <u>A</u> preciação da <u>necessi</u> dade de <u>coo</u> peração <u>en</u> tre os membros da <u>fa</u> mília.	1. Assume a responsabilidade de tarefas simples no lar. 2. Cuida de sua higiene pessoal. 3. Colabora para a economia do lar. 4. Aceita decisões feitas pela família; obedece as regras e regulamentações familiares.
2. A escola é uma <u>conti</u> nuação do lar, onde deve existir <u>coo</u> peração, união e <u>solida</u> riedade.	1. Desejo de contribuir para o bem estar da escola, lar e <u>comuni</u> dade. 2. Interêsse pela escola; <u>com</u> panheiros, <u>pro</u> fessor e outras <u>pes</u> soas. 3. Aceitação de padrões de <u>com</u> portamento <u>ne</u> cessário à vida em <u>so</u> ciedade. 4. Aceitação da <u>respon</u> sabilidade <u>pes</u> soal nos <u>tra</u> balhos individuais e em grupo.	1. Habilidade de participar em discussão do planejamento das atividades diárias; trabalhar cooperativamente em <u>proje</u> -tos. 2. Sabe ouvir os demais; espera sua vez de falar. 3. Contribui com idéias novas e sugestões nas atividades de classe. 4. Compartilha informações e experiências com os demais. 5. Trabalha com persistência e termina a tarefa em tempo <u>ra</u> zoável. 6. Compartilha e usa devidamente o material escolar e as <u>de</u> pendências da escola. 7. Segue ordens cuidadosamente e sugestões com boa vontade. 8. Trabalha <u>sò</u> zinho por certo período de tempo e trabalha <u>in</u> dependentemente em alguns problemas.

TÓPICOS GERAIS A SEREM PERCEBIDOS	ATITUDES E APRECIÇÕES A SEREM DESENVOLVIDAS	HÁBITOS A SEREM ADQUIRIDOS
		<p>9. Compreende a necessidade de regras e ordens; ajuda a estabelecer algumas delas; Aceita-as.</p> <p>10. Considera opiniões e direitos alheios.</p> <p>11. Aceita as decisões da maioria mas considera os desejos da minoria sem prejuízo da originalidade.</p> <p>12. Participa em discussões de problemas individuais e da classe procurando soluções para os mesmos.</p>
<p>3. A comunidade exerce influências determinantes na vida do lar e da escola (vizinhança).</p>	<p>1. Participação na vida da comunidade.</p> <p>2. Interêsse em conhecer os lugares que exercem maiores influências no lar e na escola.</p> <p>3. Apreciação das várias profissões (padeiro, açougueiro, leiteiro, feirante) que influenciam seu modo de vida.</p> <p>4. Aceitação de responsabilidade como membro da comunidade.</p>	<p>1. Observa e compreende a interdependência que existe entre pessoas em uma ocupação e pessoas em outras ocupações diferentes.</p> <p>2. Respeita as atividades religiosas da vizinhança.</p> <p>3. Participa em atividades que visam ao bem estar da comunidade.</p> <p>4. Respeita as pessoas e lugares públicos.</p> <p>5. Respeita a propriedade alheia.</p>

(VI) SELEÇÃO DE PROFESSORES PARA A REGÊNCIA DAS CLASSES

EXPERIMENTAIS DO CRPE

1. Introdução

Para a execução do plano de trabalho organizado, foi necessário a seleção de dois professores substitutos que deveriam reger as duas classes criadas por Ato do Exmo. Sr. Secretário da Educação.

Após os trabalhos prévios de planejamento foram abertas as inscrições para os interessados e dada longa publicidade através da imprensa da Capital. Inscreveram-se 47 candidatos.

No plano de seleção foi considerado importante avaliar-se o candidato sob dois ângulos:

- a. Aquêlé destinado à avaliação da qualidade do candidato, através dos dados obtidos pelo preenchimento de um formulário, de uma entrevista e da observação da sua atividade na sala de aula.
- b. Aquêlé destinado a avaliar a compreensão dos problemas educacionais e em que os candidatos deveriam responder questões específicas que lhes foram propostas.

2. A entrevista e o processo de classificação

Cada candidato foi entrevistado por três orientadores, durante um período de vinte minutos aproximadamente. A entrevista procedeu-se conforme o processo individual de trabalho. No final de cada entrevista procedia-se à tentativa de uma graduação, numa escala de 11 itens, como se segue:

- | | |
|-------------------------|---------------------------------------------------------|
| 1. Aspecto físico | 7. Interêsse no trabalho do Centro |
| 2. Forma de vestir-se | 8. Interêsses futuros |
| 3. voz | 9. Tempo de experiência |
| 4. Clareza de expressão | 10. Conhecimento dos problemas educacionais brasileiros |
| 5. Flexibilidade | 11. Procedência (formação profissional). |
| 6. Interêsse na criança | |

Para cada item foi estabelecida uma escala de graduação segundo as seguintes categorias:

- | | | | | |
|--------------|--------|----------|----------|------------|
| 1. Excelente | 2. Bom | 3. Médio | 4. Fraco | 5. Péssimo |
|--------------|--------|----------|----------|------------|

Os entrevistadores, bem como os planejadores do trabalho, estavam cientes do aspecto subjetivo que um tal julgamento pode permitir. Esta consciência da subjetividade do julgamento foi bem discutida, a fim de que se pudesse obter maior valabilidade no uso de tal escala graduatória, permitindo assim um julgamento que ganhasse em amplitude.

3. Seleção dos candidatos finalistas

Através dessa entrevista e após o estudo do formulário e das duas questões foram selecionados 5 candidatos finalistas. Restava observá-los em classe.

Se eles estivessem trabalhando, a única coisa a fazer seria observá-los e anotar-se, numa ficha de observação, o resultado de seu trabalho. Se não estivessem trabalhando, solicitar-se-ia do diretor da Escola que se lhes confiasse o trabalho por um curto período. Dessa forma, passaram todos os cinco candidatos pela prova de observação no trabalho, tendo os pontos dados como resultado da observação pelos superiores sido somados ao resultado dos pontos obtidos na folha de avaliação do questionário (ver anexos nº 1 e 2).

4. Análise dos resultados: Estudo do formulário (anexo I)

1º Dados pessoais

1. Proveniência (por nascimento)	
1.1 de São Paulo.....	16
1.2 de outras cidades.....	27
total.....	43
2. Filiação	
2.1 pais brasileiros.....	23
2.2 pais brasileiros e estrangeiros.....	2
2.3 pais estrangeiros.....	3
2.4 não responderam.....	15
total.....	43
3. Viagem ao estrangeiro por estudo ou passeio	
3.1 Estados Unidos.....	1
3.2 Outros países.....	0
total.....	1
4. Formação profissional	
4.1 Escola Normal Livre.....	19
4.2 Escola Normal Estadual.....	15
4.3 Instituto de Educação.....	9
Total.....	43

2º Outros cursos realizados

1. Aperfeiçoamento.....	19
2. Odontologia e Farmácia.....	1
3. Colegial.....	3
4. Contabilidade.....	2
5. Nutricionista.....	1

3º Seminários e cursos de férias

1. Curso rural.....	5
2. Recursos audio-visuais.....	2
3. Metodologia da Linguagem.....	3
4. Metodologia da Aritmética.....	1
5. Literatura Infantil.....	2
6. Desenho Pedagógico.....	2
7. Caligrafia Muscular.....	1
8. Psicologia Infantil. (SESI).....	1
9. Seminário de Psicologia.....	1
10. Auxiliar de escritório.....	1
11. Puericultura.....	1
12. Higiene Mental.....	1
13. Arte de contar histórias.....	1
14. Trabalhos manuais.....	1
15. Curso de clubes agrícolas.....	1

4º Função atual que exerce

1. Substituto efetivo.....	37
2. Substituto eventual.....	2
3. Substituto afastado.....	1
4. Professor municipal.....	1
5. Professor interino.....	1
6. Professor particular.....	1
Total.....	43

5º Tempo de exercício

1. Mais de um ano.....	30
2. Um ano.....	7
3. Quatro meses.....	3
4. Seis meses.....	1
5. Um mês.....	1
6. Não responderam.....	1
Total.....	43

6º Línguas estrangeiras que conhece

IDIOMA	LEITURA			CONVERSACÃO			COMPREENSÃO		
	Ótimo	Razoável	Mau	Ótimo	Razoável	Mau	Ótimo	Razoável	Mau
Inglês	1	21	2	0	14	10	0	21	4
Francês	1	10	0	0	4	4	0	10	2
Espanhol	2	13	1	0	9	5	1	15	0
Italiano	0	2	1	0	0	2	0	2	1
Japonês	0	1	0	1	0	0	1	0	0
Sírio	0	0	1	0	1	0	1	0	0
Rumeno	0	0	1	0	1	0	0	1	0

5. Respostas, por categorias, à 1ª questão proposta

(Quais as dificuldades encontradas ao lecionar 1º ano?)

1. Classes heterogêneas.....	24
2. Deficiências psico-físicas e sensoriais.....	22
3. Desnutrição.....	14
4. Acomodações precárias.....	13
5. Diferenças do meio social.....	12
6. Disciplina.....	8
7. Falta de material.....	8
8. Falta de ambientação dos alunos.....	8
9. Fazer os alunos seguirem bons métodos de estudo.....	7
10. Falta de contato dos professores com os pais.....	6
11. Classes numerosas.....	4
12. Diferenças de idade.....	3
13. Crianças problemas que necessitam de maior compreensão.....	2
14. Meio rural.....	2
15. Pais analfabetos.....	2
16. Matrícula durante o ano.....	1
17. Aplicar os conhecimentos adquiridos no curso normal.....	1
18. Incompreensão do diretor.....	1
19. "Não encontrei dificuldades".....	3

6. Respostas, por categorias, da 2ª questão proposta

(Como você distribuiria suas crianças de 1º ano para uma aula de Aritmética, Linguagem e Leitura?)

1. Adiantamento.....	25
2. Sentidos.....	20
3. Idade mental.....	14
4. Testes não especificados.....	6
5. Ordem de altura.....	5
6. Maturidade.....	3
7. Interêsse.....	3
8. Não distribuiria os alunos inicialmente.....	3
9. Problemas de disciplina.....	2
10. Sem critério.....	2
11. Perguntas não especificadas.....	2
12. Dificuldades individuais.....	1
13. Temperamento da criança.....	1
14. Repetentes e novatos.....	1
15. Sem divisão.....	1
16. Não compreendeu a questão.....	1

7. Formulário para a seleção de professores

O formulário para a seleção de professores solicitou dados e informes pessoais sobre o candidato, experiência como professor e interesse por um trabalho experimental.

Apresentou-lhes ainda, algumas situações e problemas de ensino a serem por eles comentados e apresentadas sugestões.

Essas questões visaram uma avaliação do seu conhecimento das condições atuais de ensino em nosso Estado, de seu interesse pela melhoria do mesmo e, conseqüentemente, das probabilidades de desenvolver um bom trabalho junto às Classes Experimentais.

Nota - Esses formulários, bem como sua fôlha de avaliação podem ser encontrados no CRPE/SP - DAM - Classes Experimentais.

(VII) PRIMEIROS PASSOS NA ORIENTAÇÃO DOS PROFESSORES DE CLASSE

Antes de serem postas em contacto direto com o trabalho de classe e, conseqüentemente, com as crianças, as duas professoras selecionadas para a regência das Classes Experimentais receberam no período de uma semana, esclarecimentos sobre o plano de trabalho elaborado para o ano letivo de 1959, assim como orientação teórica relativa ao trabalho que se pretendia desenvolver.

O plano de trabalho foi detidamente examinado em seus objetivos e conteúdo.

As atividades de orientação teórica, a cargo de um dos orientadores, versou, principalmente, sobre os seguintes tópicos:

1. Disciplina

O que é disciplina. Diferença entre disciplina imposta e auto-disciplina como resultado da noção de responsabilidade perante a classe e do interesse despertado pelas atividades. Diferença entre a criança disciplinada e a criança quieta.

2. A criança como ser integral

- a. ser inteligente
- b. ser emocional
- c. ser social

A influência recíproca dos fatores acima, na aprendizagem. (Olar, tipo de vida em família, o ambiente social da criança, os grupos de companhia).

3. Explicação sobre o plano de trabalho desenvolvido em classe nas duas primeiras semanas de abril.

4. Como e porque dividir as crianças em grupos de trabalho.

5. O mecanismo do trabalho em grupo

- a. Conceito de homogeneidade. Suas vantagens e desvantagens.
- b. Como atender às necessidades individuais e porque.

6. Como avaliar os trabalhos das crianças.

7. Reunião de Pais e Mestres: Objetivos.

(VIII) PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES DE CLASSE FEITAS PELAS PROFESSORAS

Na segunda semana de trabalho as professoras passaram a observar as atividades de classe, anotando os pontos que lhes parecessem obscuros.

Ao final de cada dia, as aulas e observações eram discutidas com as mesmas, procurando-se esclarecer essas dúvidas existentes.

Um programa de leitura sobre psicologia da criança foi também desenvolvido paralelamente às observações de sala de aula.

(IX) EXAMES MÉDICOS DAS CRIANÇAS - ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE TESTES

Nesse mesmo período iniciaram-se os exames médicos das crianças, pela Faculdade de Higiene da U.S.P.

Na segunda reunião de pais e mestres, aquêles foram notificados dos resultados dos exames, no sentido de tomarem as providências para o tratamento de seus filhos quando necessário.

Ainda dentro da 2ª semana de trabalhos iniciou-se a elaboração dos testes para verificação de maturidade fisio-motora, e de conceitos aritméticos já adquiridos pelas crianças.

Os referidos testes foram organizados pelo então diretor da DAM, com a cooperação dos orientadores.

Cumprê esclarecer que os mesmos não passaram pelo processo de padronização, uma vez que foram organizados com o objetivo de fornecer aos orientadores informações sobre aquele grupo de crianças com as quais trabalhavam.

Durante a sua aplicação verificaram-se, como era natural, algumas falhas, tanto na redação das instruções, como na maneira como eram transmitidas. Mesmo assim, pôde-se considerar os resultados como satisfatórios, uma vez que os mesmos, aliados às observações feitas pelos orientadores, permitiram a divisão de cada classe em três grupos que trabalharam de maneira tal, a comprovarem a sua validade.

Uma média de cinco crianças foi submetida a testagem, cada vez, pelos orientadores. Efetuou-se a aplicação de todos os testes de maturidade e a seguir a verificação de conceitos aritméticos.

Foi também organizado o teste de linguagem. Consta este de 36 pranchas, contendo diferentes cenas, em cada uma das quais necessariamente existia uma ação diversa.

A aplicação deveria ser individual. As pranchas seriam apresentadas uma a uma à criança, numa ordem pré-estabelecida, pedindo-se à mesma suas impressões sobre cada prancha.

Um aplicador e um anotador executariam esse trabalho e se faria depois a avaliação dos resultados.

Devido à premência de tempo e à falta de aplicadores e também ao próprio desenvolvimento dos trabalhos com as crianças, apenas algumas foram testadas, não tendo estes poucos resultados obtidos sido considerados para a divisão das classes em grupos.

Após aproximadamente uma semana de novas observações, os grupos foram reestruturados, passando ao nº de 2 apenas, por classe. No decorrer do ano várias alterações foram feitas na estrutura dos grupos.

Exemplos dos testes citados, bem como instruções para sua aplicação poderão ser conseguidos no CRPE (Classes Experimentais).

(X) O TRABALHO DE CLASSE

O trabalho do mês de abril em classe dividiu-se em duas fases distintas, cada uma com a duração de duas semanas:

1ª fase:- Período de adaptação das crianças à escola e conhecimento da mesma, tendo por base os seguintes passos:

1. Conhecendo uns aos outros (nome da professora, nome dos colegas, seus próprios nomes, nomes das pessoas relacionadas com a escola).
2. Conhecendo a sala de aula (onde sentar-se, onde encontrar e guardar o material, colocar os casacos, como usar o armário, quadro-negro, quadro de celotex, o cêsto de papéis, a biblioteca).
3. Conhecendo a escola (localização de outras dependências da escola:- instalações sanitárias, cozinha, refeitório, sala de professores, pátio de recreação, bebedouros).
4. Tipos de comportamento (como proceder no ônibus, na escola, como subir as escadas, como entrar na sala, como levantar, diferenças de hora de trabalho e atividade livre, as diversas formas de trabalho na escola, como proceder na hora da merenda, como observar hábitos de higiene no banheiro, à mesa, como proceder no recreio (brinquedo dirigido e brinquedo livre).

2ª fase:- (Preparatória) - cujas atividades principais estão descritas dentro do relato sobre os trabalhos desenvolvidos em cada área do programa. Esta fase desenvolveu-se dentro da maior flexibilidade do tempo bem como das atividades, tendo-se, entretanto, estabelecido o seguinte horário para esse período:

H O R Á R I O

H O R A S	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13,00 às 13,20	Entrada - Planejamento - Chamada - Saudação				
13,20 às 13,40	C A N T I N H O D A S N O V I D A D E S				
13,40 às 14,05	Linguagem	Aritmética	Linguagem	Aritmética	Linguagem
14,05 às 14,50	Aritmética	Linguagem	Aritmética	Linguagem	Aritmética
14,50 às 15,00	P r e p a r o p a r a a m e r e n d a				
15,00 às 15,30	M E R E N D A E R E C R E I O				
15,30 às 15,45	D E S C A N S O E H I S T Ó R I A				
15,45 às 16,20	Arte	Conversaç.	Arte	Conversação	Arte
16,20 às 16,30	P r e p a r o p a r a s a í d a e s a í d a				

NOTA:- À medida que os trabalhos se desenrolavam, algumas modificações se processavam no horário acima, tais como:

- a) O cantinho das novidades passou para o período de após a merenda.
- b) Foi aumentado o tempo para os trabalhos de linguagem (leitura, escrita, oral) e aritmética.
- c) A hora da história passou a ser desenvolvida somente 1 ou 2 vezes por semana.
- d) O período de arte se limitou às 4^{as} e 6^{as} feiras, ficando os outros dias destinados a Estudos Sociais.

1. Linguagem e Leitura - (Orientação da prof^a Sylvia Alves).

No que concerne ao programa de Linguagem durante o período preparatório foram desenvolvidas atividades no sentido de ter a criança "pronta" para entrar na fase do desenvolvimento da linguagem em todos os seus aspectos.

Foi feita uma série variada de exercícios de discriminação visual e auditiva, bem como desenvolvimento motor.

Para esse trabalho foram preparados materiais adequados, sendo usado, entre outros, com bom resultado, o flanelógrafo para os exercícios de discriminação visual das crianças.

Constou das atividades diárias de classe o "Cantinho das Novidades", a "Hora da História", bem como um período de palestra sobre situações surgidas em classe ou sobre temas previstos pelos professores no sentido de tornar as crianças mais desembaraçadas, oferecer-lhes oportunidade para, espontaneamente, desenvolverem criatividade de expressão, capacidade de observação e a habilidade de pensamento crítico.

Foi também iniciado o preparo para a leitura, através da organização de cartazes com as crianças, utilizando-se para isso motivos apresentados no "Cantinho das Novidades".

Esse trabalho, embora não visando o ensino da leitura propriamente dita, veio tornar as crianças interessadas pela mesma, especialmente após terem dominado algumas palavras simples das histórias que formaram e leram.

Também esse trabalho visou a formação dos primeiros hábitos de leitura nas crianças, fazendo-as habituarem-se à hora da leitura em classe e ao modo como esta deveria se processar.

Após aproximadamente duas semanas, foi feita uma verificação do grau de desenvolvimento de cada criança, bem como dos conhecimentos já trazidos por algumas delas, através de uma prova de leitura na qual entraram palavras com tôdas as sílabas simples e compostas.

Dividida a classe em grupos, fêz-se a apresentação às crianças dos "meus amiguinhos" (do professor) e, posteriormente, dos "nossos amiguinhos" (Paulo, Ada e Totó) que seriam os elementos principais das primeiras lições de leitura.

Procurando então manter o interesse das crianças pelos mesmos, o que se deu com relativa facilidade, foram organizadas com elas, histórias compostas de três e depois de quatro sentenças simples, que foram colocadas em cartazes para a leitura.

Outra série de recursos foram usados para a leitura direta e independente.

Este material constou, entre outros, de: fichário, tiras recortadas com as sentenças completas ou com as palavras que as formavam, um tipo de "cineminha" para verificação da aprendizagem, um tipo de "fichário relógio" com a mesma finalidade, pequenas fichas com a lição para as crianças recortarem as palavras e depois formá-las novamente, sôzinhas, observando o cartaz da lição, recobrando outra ficha igual ou realizando pequenos jogos, a princípio com a professora e depois dirigidos por uma criança do grupo.

Alguns quebra-cabeças foram feitos também para o trabalho independente, requerendo a sua montagem e conhecimento de lição já dominada, bem como outros conhecimentos já adquiridos, tais como noção de direita, esquerda, maior, menor, números, cores etc.

Foram organizadas oito lições, em que entraram os personagens apresentados às crianças, sendo que nas primeiras, estas limitaram-se a receber as histórias, o que não se deu mais após a quarta lição, quando então elas passaram a sugerir previamente como desejavam a lição seguinte e que personagens gostariam de ter participando delas, junto aos "amiguinhos".

É interessante observar que as sugestões requereram um acréscimo de personagens, aos já conhecidos, mas não a substituição dos mesmos, o que prova a continuidade de interesse pelas primeiras lições organizadas.

Ainda para o trabalho de leitura independente foram organizados e mimeografados alguns jogos ilustrados de leitura, que tiveram boa aceitação por parte das crianças e apresentaram resultados satisfatórios.

Os dois grupos conseguiram dominar em 8 lições um número aproximado de 40 palavras, e outras mais, apresentadas no decorrer dos trabalhos diários. Obtido domínio das sentenças e palavras, o grupo forte iniciou o preparo para a silabação.

Também cumpre-nos anotar que as crianças, neste período, reconheceram perfeitamente os nomes de todos os seus colegas de classe, tarefa essa amplamente desenvolvida, especialmente no período preparatório, sempre de maneira significativa para a criança, como reconhecer seu nome nos quadros de chamada diária, no quadro de ajudantes do dia, na sua cadeira, na sua pasta.

A escrita foi desenvolvida dentro do que era lido e dominado pela criança.

A atenção e observação das crianças desenvolveu-se bastante, bem como os hábitos indispensáveis a uma boa leitura foram nelas formados.

No que se refere à linguagem oral, verificou-se um progresso satisfatório nas crianças, especialmente nas que apresentaram a princípio dificuldade de expressão, bem como acentuada timidez.

Foi usado na escrita o alfabeto simplificado (script ou manus crito) que, visto constituir-se de letras compostas de retas e curvas, apresenta maior facilidade à criança na escrita, maior rapidez no seu aprendizado, exige menor esforço físico, bem como menor coordenação motora, facilita a legibilidade e perfeição da escrita aos principiantes nessa tarefa. Sua semelhança acentuada com a letra cursiva (de mão) e com a de imprensa, permite, na escrita, a passagem para a primeira e na leitura, a identificação da segunda, com relativa facilidade.

Nas primeiras semanas do segundo semestre de trabalhos foi feita uma cuidadosa recapitulação de todas as lições dominadas pelas crianças no primeiro semestre, tendo para isso, sido as mesmas apresentadas de forma nova e variada, o que permitiu manter-se real interesse e bom aproveitamento na leitura e escrita.

Vencida esta etapa passou-se ao período de silabação. Para o desenvolvimento desta fase foram organizados novos cartazes e usado largamente o fichário.

Antes que fôssem apresentadas todas as sílabas novas às crianças, foi feita com elas uma visita ao Zoológico, o que serviu de tema para as lições seguintes, tendo-se o cuidado de não quebrar a seqüência das histórias já apresentadas.

Ao mesmo tempo que se apresentavam as últimas dificuldades a serem vencidas, iniciou-se o ensino da letra cursiva (leitura e escrita), bem como da letra de imprensa (leitura).

Foram apresentados cartazes para leitura nesses novos tipos de letra, aproveitando todas as oportunidades possíveis para tal ensino.

Assim é que os problemas escritos, por exemplo, eram apresentados em letra de imprensa.

Neste semestre iniciou-se o cuidado e atenção com a leitura silenciosa e leitura expressiva.

Foram feitas pelas crianças leituras de livros de histórias na biblioteca de classe, após cuidadoso preparo.

Cumpra ainda observar que não foi adotado, como se verifica através desta explanação, livro ou cartilha para uso durante o ano letivo. As lições foram organizadas com as crianças no sentido de melhor atender-lhes os interesses e tornar o ensino mais eficiente. Essas lições mimeografadas formaram o Livro de Leitura, que se completou uma semana antes do término do ano letivo.

Dois livrinhos de leitura suplementar, iniciando a série "Porque é Feliz a minha Infância", foram organizados pela orientadora de linguagem e usados na biblioteca de classe, para desenvolvimento da leitura.

Concluindo, cumpre-nos observar que o programa estabelecido para este ano letivo chegou a seu termo. Apenas sentiu-se a necessidade

de um maior treino em leitura e escrita, o que não foi possível por:

- a) ter o trabalho do primeiro semestre sido um pouco lento;
- b) pelo atraso com que foram iniciadas as aulas;
- c) pelo horário escolar reduzido.

Porém, essa falha poderá facilmente ser compensada no próximo ano, sem prejuízo do programa a ser desenvolvido.

Notou-se, durante o ano letivo, um perfeito entrosamento nos diversos trabalhos de classe, onde todas as oportunidades para o desenvolvimento da Linguagem nos seus vários aspectos foram aproveitadas de modo eficiente, e agradável à criança.

2. Aritmética

2.1 - Até 12/9/59 (Orientação da profª Mª Ap. P.F. Pinto)

No trabalho de orientação de aritmética, nas classes experimentais, no primeiro período de atividades, dentro dos objetivos anteriormente expostos, foram considerados os seguintes fatores:

Que etapas seguir no ensino de aritmética?

Como introduzir um conceito novo?

Que material usar?

Quando introduzir os exercícios de fixação?

Como diagnosticar as dificuldades?

Considerando as questões acima, a organização do trabalho a ser desenvolvido nas Classes de primeiro ano obedeceu os seguintes passos:

Prontidão

Manipulação de material variado

Descoberta

Visualização e ilustração

Organização em nível abstrato

Generalização

Verificação

Prática em situações variadas

Fixação através do exercício

Diagnóstico e correção

Aplicação

Essa organização foi feita de modo que os números e as técnicas aritméticas fossem aplicados numa larga variedade de situações sociais e assim um verdadeiro interesse em aritmética foi desenvolvido. A descoberta de fatos, generalizações e relações foram feitas através de processos experimentais, procedimentos e investigações envolvendo primeiramente a manipulação concreta de objetos, depois a análise dos passos e processos de forma visualizada e, finalmente, o estudo de procedimentos abstratos de forma a facilitar a retenção do aprendido. Assim o trabalho foi dividido em duas etapas, - a primeira, período preparatório, e a segunda, o trabalho propriamente dito.

Período Preparatório

O período preparatório teve os seguintes objetivos:

1. Conhecer a extensão do aprendizado.
2. Prover experiências iniciais de aprendizado.
3. Construir conceitos numéricos básicos e o essencial vocabulário numérico.
4. Desenvolver atitudes favoráveis para com os números.

Foi um processo de preparação no sentido de tornar a criança "pronta" para a aprendizagem, dependendo disso das experiências por ela vividas, interesses desenvolvidos e dos níveis de maturidade atingidos. Seria sobremodo inútil proceder a um sistemático desenvolvimento de tópicos aritméticos se faltasse às crianças experiências gerais e cabedal requerido para a apreciação da importância destes tópicos na vida diária.

Dividindo-se as crianças em grupos, iniciou-se com elas:

1ª) atividades para desenvolvimento de conceitos básicos de noções aritméticas e de grafia dos números:

a) exercícios de coordenação

b) exercícios de noções:

grande, pequeno
largo, estreito
longo, curto
perto, longe
muito, pouco
grosso, fino
igual, diferente
etc.

c) exercício de noção de cores.

2ª) Atividades para ajudá-los a verem os números como função da vida diária e para desenvolvimento de raciocínio:

a) contar guardanapos para o lanche

b) contar as crianças presentes e ausentes

c) decidir o número de crianças necessárias para as diferentes atividades

d) selecionar tamanhos e quantidades apropriadas de materiais

e) discutir os meios de como as crianças usam os números antes de chegar à escola.

3ª) Atividades que desenvolvessem entendimento básico das idéias de contar, agrupar e medir:

a) deixando a criança retirar numa pilha de papéis os necessários para as crianças de seu grupo,

b) visualizando a contagem, isto é, deixando a criança mover os objetos para o grupo que está contando.

Período de Trabalho Pròpriamente dito

O período de trabalho pròpriamente dito teve como objetivo dois princípios básicos: 1. descoberta e generalização; 2. verificação da aprendizagem. No 1º caso ofereceu-se muitas e variadas oportunidades para a criança pensar através de problemas, pesquisar soluções possíveis, estudar as diferentes posições, até que chegasse a satisfatórias generalizações para daí deduzir. No 2º caso proporcionou-se situações novas para aplicação do que foi ensinado.

Outras atividades desenvolvidas neste período foram:

- Repetir os números em ordem
- achar quantos há em um grupo
- selecionar grupos e dar-lhes o tamanho
- reproduzir um grupo dado
- comparar diferentes grupos
- pensar em grupos sem contar individualmente
- expressar idéia quantitativamente
- efetuar manipulações para ilustrar e clarificar conceitos básicos de números
- adição e subtração de números inteiros (de 1 a 9)
- resolução de situações-problemas simples de soma e subtração (orais).

2.2 - De 15 de setembro a 15 de dezembro (Orientação da professora Adla Neme).

O trabalho de Aritmética sob nova orientação iniciou-se a 15 de setembro, prolongando-se até o final do ano letivo.

A nova orientadora procurou entrar em contato direto com os alunos de cada uma das duas classes em funcionamento a fim de se inteirar do grau de aproveitamento de cada um.

Tendo sido observado que as atividades que envolviam a resolução de problemas tinham sido proporcionadas às crianças de maneira limitada, fêz-se dêste o ponto de partida para os trabalhos futuros.

Um "Bazar Escolar" foi inaugurado em cada classe, numa tentativa de trazer para a escola as situações reais que fora dela as crianças encontram. Bem aceito pelos alunos, tornou-se o "Bazar" um meio eficiente de desenvolvimento do raciocínio, através de problemas orais (dramatizações envolvendo compra, venda, trôco etc. e possibilitando ainda o uso do dinheiro real (Cr.\$ 1,00 - Cr.\$ 2,00 - Cr.\$ 5,00 e \$10,00).

Simultaneamente com as atividades no "Bazar", as quais perduraram até o final do ano letivo, foram desenvolvidos os tópicos seguintes:

1. Noção de zero
2. Formação da dezena
3. Números compreendidos entre duas dezenas consecutivas
4. Noção de números pares e ímpares
5. Noção de dúzia
6. Numeração ordinal até 10º
7. Estudo concreto de números até 100
8. Soma e subtração de números acima de 10
9. Multiplicação.

De acôrdo com o que acima se relatou, pode-se verificar que o programa oficial em vigor foi quase que inteiramente desenvolvido, deixando de ser dada apenas divisão, não só por escassez de tempo mas, e principalmente, por se haver notado que as crianças não tinham maturidade suficiente para entender tal conceito. Os demais tópicos foram desenvolvidos de maneira a mais concreta possível, tendo-se sempre o cuidado de se fazer uso apenas de situações que induzissem as crianças à descoberta e ao raciocínio.

1. Noção de zero

Partindo-se da subtração usou-se aqui, apenas material concreto. Mesmo a fase de uso de material semi-concreto foi omitida, partindo-se do princípio de que "não se representa nada por nada". Uma vez entendida a noção de zero, passou-se à

2. Formação de dezena

Após um período preparatório de contagem e agrupamento, a palavra dezena foi introduzida. Fêz-se então uso do fichário, material didático apropriado dividido em duas "casas" e com dispositivos que facilitam a colocação, retirada e mudança de fichas da "casa das unidades" para a "casa das dezenas". "Fichariozinhos" individuais foram distribuídos - um para cada criança - e passou-se então para um período de treino que teve alguns dias de duração.

3. Números compreendidos entre duas dezenas consecutivas

Esteve esta idéia estreitamente ligada à antecedente e foi ainda fazendo uso do fichário que se ensinaram os números compreendidos entre 10 e 20, 20 e 30, 30 e 40 etc.

4. Noção de números pares e ímpares

A escolha de pares para um jogo em uma das classes e a compra, no "Bazar", de um par de vasinhos na outra, deu início ao estudo desta noção. Uma vez aprendidos os números pares, foi fácil introduzir o conceito de números ímpares e em poucos dias a distinção entre uns e outros era feita sem dificuldade.

5. Noção de dúzia

Aqui ainda o fichário teve papel de destaque. A dúzia foi quase que imediatamente reconhecida como "uma dezena e duas unidades". Iniciou-se, a seguir, um período de treino com objetos concretos, gravuras etc. No "Bazar" os probleminhas passaram a introduzir dúzia e o assunto foi dominado com relativa facilidade.

6. Número ordinal até 10º

Convém notar aqui que tôdas as atividades de classe proporcionaram excelentes oportunidades para o ensino de Aritmética, sendo as mesmas devidamente aproveitadas. Assim foi que o planejamento diário prestou-se perfeitamente para o ensino de números ordinais até 10º, sem que os mesmos fôssem ensinados em uma aula especial dentro de um horário determinado.

7. Estudo concreto de números até 100

O ensino deste tópico foi feito durante todo o ano letivo, A contagem de rotina iniciou-se nos primeiros dias de aula; a contagem de objetos e os agrupamentos foram sendo feitos gradativamente. A partir de setembro, através de cartazes e do fichário, os números acima de 10 foram dados e dos agrupamentos por dezenas passou-se ao estudo da centena, o que não ofereceu dificuldades.

8. Soma e subtração de números acima de 10

No período que se convencionou chamar de "aprendizagem" teve-se o cuidado de se procurar sempre uma razão para que essas operações fôsem feitas. Assim, as crianças não somaram 12 e 10 mas, no "Bazar", por exemplo, somaram 12 lápis marrons e 10 azuis para obter um total de 22 lápis. A este período seguiu-se o de prática, em que se usaram objetos concretos e o já tantas vezes mencionado fichário, para se passar então à soma e subtração de números abstratos.

9. Multiplicação

A última das operações ensinadas foi introduzida em uma situação problema e teve origem na soma de grupos iguais de objetos. Cartazes com desenhos e recortes vistosos formando grupos iguais (em diferentes posições), fichas individuais para jogos etc., foram largamente usados. Problemas orais foram feitos no "Bazar" e, finalmente, a multiplicação de números abstratos foi introduzida.

Passou-se então à última fase: Problemas Escritos

Simultaneamente com as atividades no "Bazar", passaram os alunos a fazer probleminhas escritas que lhes foram apresentados em três etapas:

1. Problemas sob ditado:

Em primeiro lugar os problemas foram apresentados oralmente, sob a forma de historietas e as crianças se limitaram a fazer no papel as operações correspondentes (soma, subtração ou multiplicação).

2. Datilografados em folhas individuais

Vencida satisfatoriamente a primeira etapa que constituiu um período preparatório, foi iniciada uma segunda fase na qual, por um período de várias semanas, as crianças receberam diariamente problemas datilografados em folhas individuais. Eram esses problemas diferentes para cada criança, o que permitiu mais do que uma simples avaliação de conhecimentos aritméticos, pois tornou possível a verificação do grau de compreensão de leitura silenciosa de cada aluno.

3. Passou-se então à última fase: Os problemas passaram a ser escritos no quadro negro para serem lidos, copiados e resolvidos.

Conclusão

É preciso esclarecer que durante todo o ano letivo houve um entrosamento dos tópicos desenvolvidos, isto é, a introdução de um novo

tópico não implicou no abandono dos tópicos anteriormente desenvolvidos, pelo contrário, recordação e ênfase foram feitas ininterruptamente e o desenvolver do programa estabelecido foi um processo contínuo e único visando atingir o principal objetivo da Aritmética: desenvolver o raciocínio e a habilidade de vencer situações novas e difíceis dentro ou fora da escola.

3. Arte (orientação do Prof. Celso João Ferretti)

1. Objetivos
2. Justificação dos objetivos
3. O programa proposto para atingí-los
4. O que foi feito dentro do programa
5. Os resultados que se observaram

Os objetivos desta área dentro do programa de trabalho para o ano de 1959 estenderam-se além daqueles objetivos gerais apresentados no plano inicial na seção de "desenho" e retirados do programa oficial do ensino primário em São Paulo.

Assim sendo, procuramos, dentro dos dois semestres de trabalho:

- a. Promover o "crescimento" da criança pela integração de suas capacidades intelectuais, emocionais, sociais, físicas, perceptivas, imaginativas, estéticas e criadoras.
- b. Dar oportunidade à criança para que encontrasse um meio próprio de expressar seus sentimentos com satisfação, em termos plásticos.
- c. Promover oportunidades para que a criança fizesse uma auto-avaliação do trabalho empreendido e colaborasse na avaliação dos trabalhos dos colegas.
- d. Dar à criança oportunidade de familiarizar-se com materiais usados na concepção artística.
- e. Desenvolver o "conhecimento passivo" da criança, com respeito ao homem e ao ambiente.
- f. Promover, através da criação plástica, u'a melhor integração entre a criança e seu ambiente.

Tais objetivos fundamentam-se no seguinte:

- a. A Arte age como uma espécie de catalizador, promovendo o crescimento da criança como um todo, uma vez que em sua concepção artística ela emprega suas faculdades mentais, expressa suas emoções, sente-se como parte integrante de um ambiente, desenvolve suas habilidades físicas, exercita os sentidos na observação, dá rédeas à sua imaginação, organiza por força do crescimento estético e cria, porque é livre para fazê-lo.
- b. A criança como indivíduo é um ser uno, com emoções e experiências únicas e que tem o direito de dar forma a essas emoções e experiências através da criação plástica.

- c. O crescimento estético se dá mais quando a criança comenta e critica trabalhos que são significativos para ela e não quando recebe instruções formais sobre cor, espaço, proporção ou forma.
- d. A expressão é tanto mais sincera e significativa e tanto mais desenvolvida esteticamente quando a criança, além de se identificar intimamente com a experiência a externar, o faz também com relação ao material que usa nessa exteriorização.
- e. A criança nesta etapa de seu desenvolvimento (estágio do esquema) possui muito mais conhecimentos físicos sobre si mesma e sobre o que a cerca do que aqueles conhecimentos que transporta para o papel ou para o barro. A estimulação do "conhecimentos passivo" significa, no caso, torná-la mais e mais consciente do conhecimento que possui ou em outras palavras, em ativar o "conhecimento passivo" por meio da observação.
- f. A integração indivíduo-ambiente se dá tanto mais profunda e sinceramente quanto mais ele se identifica com esse mesmo ambiente pela expressão de suas experiências.

Procurando atingir tais objetivos, desenvolveram-se as seguintes atividades:

1. Desenho com lápis de cêra coloridos
2. Pintura com tinta à base de água
3. Pintura com giz molhado.

O desenho com lápis de cêra foi desenvolvido na sua quase totalidade dentro do período preparatório das crianças para as atividades escolares.

Nesta fase, os desenhos feitos nem sempre obedeceram à proposição de um tema, sendo dada às crianças liberdade para que desenhassem o que lhes aprouvesse. Outras vezes foram sugeridos temas girando ao redor da criança e suas experiências imediatas.

Também foi usado o desenho com lápis de cêra para tema ou para ilustração das histórias que as crianças construíam em suas aulas de linguagem.

A pintura foi desenvolvida com tinta à base de água, por ser este o tipo de tinta mais apropriado para este estágio. Apropriado, por que não apresenta as dificuldades da pintura a óleo, e porque, como o lápis cêra, dá às crianças a segurança que necessitam em seu desejo da repetição do esquema. Num estágio em que a criança necessita e satisfaz-se, portanto, com a repetição das mesmas cores e formas para os mesmos objetos, o lápis de cêra e tal tipo de tinta são os materiais de uso mais indicado.

Durante o período em que se desenvolveu a pintura, foram introduzidos alguns temas, tais como:

- "Eu e minha mãe"
- "Eu subindo a escada"
- "Eu lavando as mãos".

A introdução sistemática da própria criança e suas experiências nos temas prende-se ao fato de que ela é, por natureza, egocêntrica, nesta altura de seu desenvolvimento.

Além da motivação desenvolvida com a classe por meio de conversação, procurou-se fazer o mesmo individualmente, a fim de estimular com mais intensidade aquelas crianças que se sentiam incapazes de pintar os temas sugeridos.

Mesmo assim, verificou-se que nem tôdas as crianças prenderam-se a êles.

Casos como êste levam a pensar que a experiência sugerida era pouco estimulante para a criança, e que esta, não se identificando com a mesma, excusava-se de representá-la. Neste caso, respeitou-se o protesto da criança e permitiu-se à mesma que fugisse ao tema proposto.

A terceira técnica que se procurou desenvolver foi a pintura com giz de côr, no final do semestre.

Procurou-se não desenvolver um grande número de técnicas, visando não confundir ou distrair a criança pelo excesso das mesmas.

Após cada período de desenho ou pintura, fêz-se uma avaliação estética do trabalho, da qual participaram alunos e professores.

Essa avaliação que visava ressaltar qualidades positivas, era feita em termos das impressões que as crianças davam sobre seus trabalhos e dos seus colegas sem, entretanto se estabelecer comparação. O professor serviu sempre como orientador, sem tentar impingir conceitos apriorísticos sobre forma, côres ou proporção.

Todos os desenhos e pinturas foram expostos em classe com a finalidade de estimular nos alunos a auto-confiança em sua expressão plástica ao ver a mesma aceita e exposta por adultos.

Outras exposições foram ainda organizadas fora de classe, visando principalmente a familiarização dos pais com os trabalhos das crianças. Foram tais exposições e mais os esclarecimentos prestados aos pais, os responsáveis por uma ampla aceitação dos trabalhos. Em muitos pais não se verificou maior entusiasmo, mas pelo menos não se observou, como aconteceu no início do ano, a rejeição da expressão plástica infantil.

No início dos trabalhos das classes experimentais, a maior parte das crianças (6 anos e 6 meses aproximadamente) encontrava-se no estágio pré-esquemático de expressão (figura humana consistindo de representações "cabeça-pé", usualmente falha, em detalhes - não ordenação espacial das figuras e objetos - não relação côr-objeto). Ao final do ano letivo já não se mantinham restritos a desenhos pequenos e medrosos nos cantos das fôlhas. Algumas crianças, entretanto, pareciam ter estacionado ou mesmo regredido, em seus esquemas da figura humana principalmente, atendo-se a figuras esquemáticas do tipo usado por professores na ilustração de aulas. Seria interessante observar nos anos vindouros, e através de grupos de contrôle, até que ponto ilustrações de tal tipo influenciam a expressão plástica infantil nas diferentes idades.

Quanto ao estágio de expressão, a maioria das crianças, no final do ano, situa-se no estágio do esquema. Havia conceitos definidos e individuais em quase todos os trabalhos. Um pequeno estudo está sendo desenvolvido com os alunos de 1959 (50 aproximadamente), no sentido de determinar algumas características de seus trabalhos, para comparações posteriores. Visa ainda esse estudo observar alguns dos temas e cores sugeridos por essas crianças em suas representações gráficas.

O trabalho de orientação neste setor não se desenvolveu dentro do esquema previsto. Devido à escassez de tempo as professoras de classe não puderam receber a orientação devida. De maneira informal, todavia, procurou-se fazer com que as mesmas compreendessem o valor da criação plástica infantil e, conseqüentemente, respeitassem a liberdade de expressão das crianças. Se se observar o trabalho de orientação sob esse aspecto, poder-se-á considerá-lo satisfatório, visto que em nenhuma oportunidade foi a criança tolhida em seu modo de expressão.

4. Estudos Sociais

O desenvolvimento do programa de Estudos Sociais não pôde ser efetuado devido a circunstâncias várias, entre as quais a da escassez de tempo, o atraso com que foram iniciadas as aulas, o que nos obrigou a dedicar maior tempo e atenção às áreas de Linguagem e Aritmética.

Entretanto, procurou-se desenvolver durante todo o ano, habilidades essenciais para o bom andamento do trabalho de grupo e ambiente em sala de aula, o que certamente virá facilitar o desenvolvimento mais rápido dos estudos sociais no próximo ano.

De maneira assistemática começou-se a desenvolver conceitos relativos a tempo, espaço, e temperatura, através da introdução do calendário em classe. O "Cantinho das Novidades" proporcionou oportunidade para estudo também assistemático de alguns animais, plantas e minerais.

Juntamente com a introdução de cores em Aritmética, foram dadas as primeiras noções sobre trânsito.

Desenvolveram-se sempre com as crianças conversações sobre o lar, a escola e a comunidade, procurando-se dar-lhe noções de higiene, regras de conduta etc.

(XI) REUNIÕES DE PAIS E MESTRES

Sumário das reuniões mensais

Primeira reunião - 3 de abril de 1959 - 15 horas.

(Por ocasião da matrícula, pediu-se aos pais que informassem dia e hora em que estariam disponíveis para comparecer à primeira reunião. Com base nessas informações marcou-se a data da realização da mesma).

1. Apresentação dos professores responsáveis pela escola.
2. Palavras ditas pelo Prof. Joel Martins, coordenador do II CEEAL e Diretor da DAM sobre:
 - a) A importância da colaboração dos pais com a escola.
 - b) Os objetivos visados pelas classes experimentais.
3. Na ocasião alguns pais fizeram perguntas a respeito das atividades, a serem desenvolvidas por este tipo de escola; das possibilidades de continuação da mesma no próximo ano; da segurança com respeito à oficialização da escola e aceitação da criança em escolas públicas e particulares em caso de transferência.
4. Em seguida, os pais foram divididos em quatro grupos, ficando cada grupo com um professor, a fim de que esclarecimentos e uma pequena discussão fôsse mantida com eles a respeito de:
 - a) Exames médicos
 - b) O que foi feito na escola durante a 1ª semana do ano letivo. Atividades com as crianças, hábitos de rotina, conhecimentos dos colegas, professores, pessoal do Centro com quem manteria^m contacto durante o ano.
 - c) como as crianças reagem em casa relativamente a escola.
 - d) horário do ônibus, a ser observado.
 - e) responsabilidades dos pais, professores e alunos.
 - f) avental para ser usado nas aulas de arte.
 - g) mudança de professores, que mais tarde irão substituir definitivamente os atuais.
 - h) sugestões e perguntas dos pais.
5. Visita dos grupos às salas de aula já em funcionamento.
6. Opiniões e sugestões apresentadas pelos pais.
 - a) Mudança do itinerário do ônibus em face da movimentação da Rua Paes Leme. (Pinheiros)
7. Foi quase completo o comparecimento dos pais ou responsáveis, havendo somente duas ausências. Aos que não compareceram foram enviadas, pela escola, cartas relembrando o compromisso assumido no início do ano escolar, isto é, de comparecer a estas reuniões mensais, o que se fêz regularmente durante todo o ano letivo.

Segunda reunião - 15 de maio de 1959
(Verificou-se a ausência de 4 pais).

Foi programada de modo diferente da primeira. Como os pais já haviam tido contacto com a escola durante a primeira reunião, nesta segunda foi decidido que se discutiriam problemas de ordem mais concreta, de modo a se conseguir dos pais uma cooperação e compreensão cada vez maiores, com respeito à escola.

Como da primeira vez, os pais foram divididos em quatro grupos, ficando cada um deles a cargo de um orientador. A reunião abrangeu um período de 2 horas (14.30 - 16.30), e foram desenvolvidos os seguintes pontos:

14:30 - 15:00 h - Discussão com os pais, em grupos separados, sôbre:

1. Impossibilidade da mudança de horário e trajeto do ônibus.
2. Reações das crianças com respeito à escola.
3. Vida da criança em casa.
4. Faltas das crianças.
5. Considerações sôbre os exames médicos
6. Preparação para assistirem ao filme "Skkipy aprende a ler, escrever e contar".
7. Apresentação das pastas com os trabalhos das crianças e discussão dos mesmos.

A escolha do filme acima, prendeu-se muito ao tipo de programa que se estava tentando desenvolver.

Após a projeção os pais foram reunidos novamente em quatro grupos e uma discussão sôbre o mesmo foi levada a efeito, abrangendo-se principalmente os seguintes pontos:

1. Importância da socialização e ambiente da criança nos primeiros dias de escola.
2. Reações da criança no lar.
3. Como a criança vai tornando-se aos poucos independente.
4. A importância do trabalho de grupo.
5. A atenção aos interesses e problemas das crianças.
6. Aproveitamento destes interesses nas atividades de sala de aula.
7. Importância de um objetivo que a criança precisa para trabalhar melhor.
8. Diferentes tipos de atividades nas quais o professor pode observar as reações infantis.
9. Atenção às diferenças individuais.

Outras questões foram apresentadas pelos pais e discutidas, tais como: regime de promoção, início e término das férias de julho, ficando estabelecido que se avisaria oportunamente aos mesmos com respeito a este tópico.

Terceira reunião - 15 a 19 de junho

(Revestiu-se de caráter especial, por estar a escola já no fim de seu primeiro semestre de trabalho - 30.3 a 30.6 - semestre este relativamente curto, devido a causas já citadas neste relatório). Para que os pais e responsáveis tivessem uma idéia mais concreta do que vinha sendo feito em sala de aula, decidiu-se programar a Terceira Reunião de Pais e Mestres da seguinte maneira:

1. Este contacto com os pais duraria uma semana: de 15 a 19 de junho.
2. Dez pais foram convidados diariamente a visitar a escola e a permanecer nela durante todo o período escolar, isto é, das 13 às 16:30 horas.
3. Na sala de aula puderam observar como se desenvolvia um dia escolar, os hábitos de rotina, as atividades (planejamento, linguagem, aritmética, preparação para a merenda, merenda propriamente dita, participando com as crianças desta última).

4. Após a observação direta das atividades em sala de aula, os pais que visitavam ambas as classes reuniram-se na sala dos professores orientadores, onde foram abordados, com êles, os seguintes pontos:
- a) explicação do critério usado para a divisão de crianças em grupos de trabalho;
 - b) explicação dos testes aplicados às crianças no início do ano letivo, seus objetivos, suas falhas e como foram construídos;
 - c) apresentação das pastas com os trabalhos realizados durante os três meses de aula;
 - d) verificação do progresso e rendimento escolar de cada uma das crianças através de seus trabalhos;
 - e) explicação e esclarecimentos de dúvidas que por acaso surgissem a respeito do trabalho escolar em geral, da escola, dos tipos de exercícios dados às crianças etc.;
 - f) comunicação aos pais do início e término das férias escolares, que obedeceriam ao tempo regular de outras escolas, isto é, a partir de 1º de julho até dia 31 do mesmo mês.

Somente dois pais deixaram de comparecer à referida observação, tendo os mesmos apresentado justificação de suas faltas.

O resultado desta iniciativa foi realmente satisfatório.

Quarta Reunião - 18 de agosto

Compareceu à mesma a quase totalidade dos pais e responsáveis pelos alunos, apenas 8 ausências foram verificadas.

Problemas tratados:

1. Determinação da data de início do novo horário de aula, estendido para mais meia hora, ou seja, das 13 às 17 horas.
2. Registro-cumulativo, apresentação e explicação da finalidade do mesmo.
3. Lição de casa:- Orientação aos pais sobre a mesma.
4. Vacinação anti-variólica. Necessidade, importância e cuidados requeridos.
5. Observações e sugestões dos pais sobre o trabalho da escola.

Quinta reunião - 18 de setembro

Assuntos discutidos:

1. Comparecimento dos pais. Conversa sobre a responsabilidade assumida no início do ano de comparecimento às reuniões.
2. Despedida da Profª Maria Pinto.
3. Apresentação da nova orientadora de Aritmética, Profª Adla Neme.

4. Comentário sobre lição de casa.
5. Questões de mudança de horário escolar.
6. "Período de eleições":- aulas normais.
7. O trabalho de classe.

Explicação dos objetivos e atividades desenvolvidas.

8. Divisão da classe em grupos. Sua finalidade.
9. "Casos particulares" - Discussão em particular com os pais dos problemas relativos a seus filhos.
10. Apresentação das pastas das crianças aos pais.

Sexta Reunião - 14 de outubro

Apenas seis pais estiveram ausentes

Assuntos tratados:

1. Explicação do desenvolvimento das atividades de classe, continuando o que já havia sido tratado na reunião anterior.
2. Apresentação aos pais das pastas com os trabalhos escolares, realizados em classe.
3. Apresentação aos pais do problema de transporte para o ano de 1960, em vista do aumento do número de alunos. Solicitação para a próxima reunião de sugestões para a solução do mesmo.

Sétima Reunião - 15 de dezembro

Nesta reunião, última do ano, notou-se a ausência de dois pais apenas.

Assuntos tratados:

A. De ordem geral

1. Condução - fornecida pelo Centro
Horário - a. Crianças de 1959: 13 horas
2. Formação de uma Associação de Pais e Mestres, atendendo à sugestão daqueles e interesse de ambos.
Houve grande participação dos pais, sendo eleita uma comissão de pais e mães que, com a assistência permanente de dois professores, se responsabilizaria pela organização das bases da Associação a ser fundada.

A mesma constituiu-se dos seguintes membros

* Sr. Humberto Tellim
* Sr. Waldomiro Silva
* Sr. Roberto Bertero
* Sr* Luiza Salvia
* Sr* Guiomar Colella
* Sr. Wilfredo Tolentino

* Sr. H.R. Giongo
* Sr. e Sr* Hélio Sá
* Sr. Aristides de Melo Souza
* Sr. Edmundo Gerner
* Sr. Macedo Nogueira

3. Material para o próximo ano (lápiz, borracha, papel).
4. Lanche.
5. Confirmação de matrícula, para o que estabeleceu-se o seguinte horário:
dias 1 e 2 de fevereiro de 1960
das 9 às 11:30h.
6. Críticas e sugestões:

Pedido dos pais para que se expusesse em breves palavras uma avaliação do que foi feito durante o ano nas várias matérias.

B. De ordem específica

1. Exame das provas das crianças (Provas).
2. Conversação com os pais a respeito de promoção ou não promoção.
(Carlos Alberto - Sônia - Gelse - Elenir - retenção)

(XII) PROBLEMAS SURTIDOS DURANTE O PERÍODO DE 30.3 A 15.12.59
NO DESENVOLVIMENTO DO PLANO PROPOSTO PARA AS CLASSES EXPERIMENTAIS.

1. Problemas surgidos quanto à orientação dos professores

No setor relativo à orientação dos professores selecionados para a regência das classes experimentais, o primeiro problema a dificultar o bom andamento do plano original foi a premência do horário.

Com efeito, evidenciou-se desde os primeiros dias, que 6 horas de trabalho diárias eram insuficientes para se levar a bom termo tal programa de orientação, porque, não estando as candidatas suficientemente preparadas para, num curto espaço de tempo, regerem satisfatoriamente as classes, tornou-se necessário uma permanência mais longa dos orientadores nas mesmas.

Este fato, aliado à necessidade de planejamento das atividades e da preparação do material didático a ser usado diariamente em classe, acarretou, para os orientadores, um excesso de trabalho que prejudicou, naturalmente, o processo de orientação. Além disso, os orientadores foram requisitados para trabalhos extras, como, por exemplo, a participação na comissão que selecionou os professores primários para Brasília.

Não obstante, os professores a serem orientados passaram a participar do planejamento e avaliação diárias, em que eram discutidos pontos tais como: objetivos que se procurava atingir com as atividades programadas, reações das crianças em sala de aula, em relação aos companheiros, ao trabalho e aos professores, aproveitamento do interesse e experiências da vida da criança no decorrer das aulas, dúvidas surgidas quanto a atitudes tomadas pelos professores com relação a determinadas crianças ou situações.

À medida que o trabalho em classe se desenvolvia, maior preparo de material e planejamento passou a ser exigido dos orientadores, o que veio dificultar ainda mais o processo de orientação, estando praticamente suprimidos os períodos de avaliação, ao chegar-se ao final do ano. Cumpre aqui esclarecer que apesar de passarem os orientadores a trabalhar em horário integral, os professores que recebiam orientação mantiveram seu horário normal de trabalho.

Acreditamos, também, que houve falha no trabalho de orientação motivada pelo excessivo receio por parte dos orientadores de que as crianças viessem a ser prejudicadas, caso os professores não desenvolvessem os trabalhos satisfatoriamente. Foi esse receio o responsável pela presença constante dos orientadores na regência das classes, ao invés de delegar essa responsabilidade tão somente às professoras que se submetiam ao processo de orientação.

2. Problemas surgidos com relação às professoras sob orientação

A par dos problemas surgidos com o trabalho de orientação, outros apareceram, relativamente às professoras escolhidas para a regência das classes experimentais. Entre estes podemos salientar:

1. Falta de compreensão dos conceitos fundamentais concernentes ao regime de trabalho. Apesar de terem sido largamente discutidos os pontos abordados já anteriormente na orientação teórica, a observação de situações de classe nas quais tiveram oportunidade de trabalhar sem a assistência direta dos orientadores, mostrou que as professoras não haviam tomado consciência de tais conceitos, com uma profundidade tal que permitisse uma mudança de atitude com relação à escola e à criança.
2. Conseqüentemente, não houve uma adaptação ao novo regime de trabalho que levasse a resultados satisfatórios nas atividades de classe. Este problema se evidenciou em situações em que a queda do aproveitamento escolar do grupo sob sua direção decaiu de maneira sensível, requerendo a volta do orientador à regência da classe ou do grupo.
3. Outro aspecto a ser considerado foi a dificuldade encontrada pelos professores em dividir a atenção pelas crianças distribuídas em diferentes grupos de trabalho, atenção esta indispensável num processo de educação em que se procura atender ao máximo às diferenças individuais, e também ao bom andamento das atividades em sala de aula.

Como era natural, não houve uma adaptação tão rápida quanto era desejável por parte das professoras orientadas, ao regime de trabalho, o que é perfeitamente justificável, visto só terem tido antes, contacto com um sistema de ensino tradicional.

É importante salientar-se: esse problema de adaptação apareceu em diferentes graus de intensidade nas candidatas. Não obstante, pôde-se notar em uma delas um grau de aproveitamento que, embora não tivesse sido o ideal, correspondeu inteiramente ao esforço dispendido.

Devido a não correspondência às expectativas dos orientadores com relação ao trabalho da classe, uma das professoras foi afastada do mesmo, no término do primeiro semestre, após avaliação conjunta da qual participaram os orientadores, a professora em questão é o coordenador das classes com o II Curso de Especialistas em Educação para a América Latina. Decidiu-se, após essa reunião, que a referida professora se dedicasse, no semestre seguinte, à confecção de material didático a ser usado nas classes experimentais. Tal avaliação foi feita também com relação à outra professora, sendo deliberado que, devido ao aproveitamento verificado durante o primeiro semestre, deveria permanecer no trabalho com a classe.

No segundo semestre procurou-se dar maior liberdade de ação à professora que permaneceu na regência de classe, estimulando-se mais a sua iniciativa, ao contrário do que se verificou no primeiro semestre. O trabalho por ela desenvolvido foi então satisfatório.

3: Problemas relativos aos bolsistas

Não constituíram problema as observações dos bolsistas em sala de aula, visto que as crianças aceitaram facilmente a presença dos mesmos. Apenas temos a considerar que algumas vezes o número de pessoas em classe foi maior do que o estabelecido como não prejudicial ao bom andamento das atividades escolares. O interesse dos mesmos pelo trabalho que estava sendo realizado fê-los movimentarem-se pela sala de aula, o que algumas vezes dificultou o bom andamento das atividades. É preciso considerar entretanto, que os referidos bolsistas, após conversa com os professores, e compreendendo a situação, modificaram sua atitude. No segundo semestre os bolsistas não assistiram ao trabalho feito nas Classes Experimentais, comparecendo com menor frequência às salas de aula.

(XIII) CONSIDERAÇÕES GERAIS A RESPEITO DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO PERÍODO DE 30.3 a 15.12.59.

Como já foi dito anteriormente, o plano de orientação, tal como foi proposto em sua forma original, não foi levado adiante, em virtude dos motivos já expostos no relato sobre os problemas surgidos. De qualquer maneira, porém, notou-se que os professores sob orientação, alcançaram um bom aproveitamento (principalmente uma delas) com a experiência adquirida através do período de avaliação, observação dos trabalhos de classe, pelo contacto direto com as crianças e, finalmente, pelo desempenho de determinadas funções dentro da sala de aula, tais como: planejamento diário com as crianças, hora da história, cantinho das novidades, orientação dos trabalhos independentes e também do trabalho dirigido.

Quanto ao trabalho com os bolsistas, entre algumas atividades levadas a efeito, contam-se:

- a - discussão do plano para o funcionamento das Classes Experimentais;
- b - apresentação e discussão dos objetivos do trabalho na escola, e atividades programadas para atingi-los;
- c - discussão do desenvolvimento do plano de trabalho e dos problemas surgidos;

- d - apresentação e discussão dos testes de maturidade aritmética e linguagem, aplicados às crianças no início do ano;
- e - oportunidade de observarem aplicação de testes;
- f - oportunidade de observarem a aplicação de sociograma e utilização dos dados para um estudo sociométrico;
- g - oportunidade de observar as aulas dadas, seu planejamento e avaliação;
- h - foi dispensado aos bolsistas o auxílio necessário para observação de diferentes tipos de crianças e discutiu-se como integrá-las nos grupos de trabalho.

Foi grande a cooperação e participação dos pais nos trabalhos da escola através do comparecimento às reuniões mensais para discussões e informações requeridas pelo trabalho. Os objetivos propostos no plano original foram mantidos e os resultados surgiram, bastante compensadores. Verificou-se um interesse grande por parte dos mesmos no trabalho que vinha sendo desenvolvido na escola, interesse esse comprovado pela presença dos mesmos nas reuniões mensais, visitas de observação à sala de aula, feitas por todos os pais, discussão de pontos a respeito das atividades, tendo mesmo alguns sugerido a possibilidade de mais de uma reunião mensal para o maior contacto entre pais e professores, e a criação de uma associação com essa finalidade.

As crianças apresentaram um grau de desenvolvimento bastante satisfatório em termos de adaptação ao trabalho, cooperação e socialização, embora tendo iniciado o período letivo com atraso e de não frequentarem classes aos sábados. Houve também um progresso apreciável no que concerne às atividades de grupo, demonstrando-se que no regime democrático de trabalho há mais oportunidade para o desenvolvimento da personalidade da criança e atenção aos seus interesses e necessidades. Procurou-se desenvolver o pensamento crítico das crianças, estimulando-lhes o espírito de observação em situações que surgiam dentro da classe e que requeriam deduções e julgamento, como por exemplo, quando em conjunto julgavam o procedimento de um colega ou os passos a tomar para resolver problemas surgidos ou sugeridos pelos professores.

A atitude das crianças com relação à escola foi a mais favorável possível, comprovada essa atitude não só pela assiduidade das mesmas como pelo desejo manifesto de não interromperem as aulas para férias.

Quanto aos tópicos gerais a serem percebidos, às atitudes e apreciações a serem desenvolvidas e aos hábitos a serem adquiridos (vide pg. 13 - planejamento geral para o currículo), foram desenvolvidas de modo sistemático apenas aqueles tópicos relativos à escola. De modo as sistemático deu-se atenção àqueles itens relacionados com a vida em família, sendo pouco considerados, devido principalmente à escassez do tempo, aqueles referentes à comunidade.

Quanto ao aproveitamento das crianças no que se refere à escolaridade própriamente dita, temos a observar que a par de um amplo desenvolvimento da linguagem oral, verificou-se um bom aproveitamento com

relação ao trabalho desenvolvido em leitura e escrita. Observamos que uma média de 70% foram alfabetizadas, sendo que as demais também apresentaram progresso satisfatório em relação às suas possibilidades de aprendizagem.

O desenvolvimento dos conhecimentos aritméticos igualmente atingiram os objetivos propostos. As crianças venceram com boa compreensão a quase totalidade do Programa Oficial de Ensino do Estado de São Paulo para o 1º ano, ao qual, como nas demais áreas nos ativemos, em conteúdo. Apenas o seu desenvolvimento e aplicação receberam orientação nova e mais dinâmica.

Com relação ao trabalho de Arte Infantil, apresentou resultados bastante compensadores. Fugindo da cópia e do mero colorido de desenhos anteriormente preparados, os professores se preocuparam com o desenvolvimento da imaginação e do poder criador da criança, estimulando a pintura e o desenho, em que entrassem como elementos centrais as suas experiências diárias.

A parte de estudos sociais não foi descuidada, apesar das limitações de tempo e embora não se tenha estabelecido horário especial dentro do dia de trabalho para desenvolvê-la. As atividades pertinentes a esta área versaram sobre os interesses imediatos e perguntas das crianças, o que permitiu verificar-se um aproveitamento total de todas as noções ministradas ou discutidas. Conhecimentos e atitudes foram desenvolvidos informalmente, com relação ao trabalho em grupo, ao lar, ao uso do tempo e material, à vida dos animais e plantas.

Embora as classes tivessem funcionado em salas adaptadas, desenvolveram-se atividades de arte, música e recreação, permitindo-se assim, demonstrar não serem necessárias salas especiais para o desenvolvimento de um ensino moderno, eficiente e agradável à criança.

(XIV) PROMOÇÃO

A natureza das atividades desenvolvidas nas Classes Experimentais procurando atender ao máximo as necessidades e interesses individuais da criança pedia um sistema de promoção que não se restringisse àquele tradicionalmente seguido em nossas escolas primárias. Em verdade, seria ilógico tratar-se a criança como ser individual que é, durante todo o decorrer do ano e ao final do mesmo aprová-la ou não em virtude de notas ou mesmo apreciações baseadas em uma só prova final. Mesmo que não se fizesse uma prova final mas se considerasse a aprovação ou reprovação do aluno com base no seu trabalho de todo o ano, ainda assim esta última alternativa determinaria principalmente dois problemas: um de ordem psicológica, que se referiria ao modo como o aluno receberia a reprovação e outro físico, relativo ao acúmulo de crianças numa mesma classe, uma vez que a população escolar paulista já é bastante numerosa por grau.

Além do mais, como o trabalho nos anos subsequentes será orientado no mesmo sentido de atenção individual e trabalho de grupo, não havia, como não haverá, razão para se reter aqueles alunos que não alcançam o mesmo aproveitamento dos demais.

Considerando-se também dados estatísticos baseados em observações feitas sobre reprovação de alunos, verificaram-se suas acentuadas vantagens ao bom desenvolvimento dos mesmos.

O conhecimento destes fatos tem determinado um grande grau de interesse pela promoção automática em nosso meio, e a sua aplicação nas Classes Experimentais tem, também, como fim, reunir dados objetivos que possam assegurar as possibilidades e vantagens da sua adoção nas nossas escolas.

(XV) CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Algumas conclusões a que chegamos após o ano de trabalho foram as seguintes:

1. Orientação

- a - Baseados na experiência do ano, cremos que as professoras a serem orientadas precisariam ter recebido uma orientação teórica mais extensa e profunda, antes de tomarem contacto direto com as crianças.
- b - Os orientadores devem permanecer ausentes do trabalho direto com as crianças. O fato de se conservarem na regência de classe, juntamente com a professora orientada, não apresenta resultados satisfatórios, porque:
 - 1. não lhes sobra tempo para estudar com vagar o programa de orientação a seguir, o trabalho da professora orientada, e o desenvolvimento das próprias crianças, além de restringir-lhes a possibilidade de atender outros professores que porventura procurem orientação.
 - 2. A situação existente em classe, com dois professores para 30 crianças não é real para a situação de nosso ensino primário e, portanto, não oferece estímulo aos professores que observam as atividades.
 - 3. O fato de dois professores trabalharem na regência da mesma classe cria uma divisão da responsabilidade perante o trabalho, o que poderá levar a professora orientada a um certo desinteresse pelas atividades.
- c - Os orientadores devem fazer observação do trabalho dos professores (no mínimo duas vezes por semana) e avaliar diariamente (segundo um plano pré-estabelecido) o trabalho de classe.

2. Professoras em treinamento.

- a - Na seleção das mesmas deve-se considerar que a experiência no magistério primário não é condição determinante de sucesso, porém, contribue para o mesmo se o professor a ser orientado for pessoa acessível e interessada no trabalho.
- b - Poder-se-ia acrescentar ao objetivo nº 3 do plano (numa situação comum de classe, com a orientação adequada, torna-se possível a modificação gradativa de certos métodos e atitudes na escola primária), algumas condições tais como: atitude flexível por parte do professor orientado, real interesse e entusiasmo pelo tipo de

trabalho e pelo seu aperfeiçoamento profissional, em cujo caso, o referido objetivo teria a seguinte redação:

Numa situação comum de classe, com a orientação adequada, torna-se possível a modificação gradativa de certos métodos e atitudes na escola primária, desde que haja de parte do professor a ser orientado uma atitude flexível quanto à orientação, real interesse e entusiasmo pelo tipo de trabalho que se propõe e ainda interesse pelo seu aperfeiçoamento profissional.

- c - Para que o trabalho seja tão real quanto possível, aos professores de classe deverá caber a incumbência do preparo do material didático.

3. Trabalho com os pais

É perfeitamente possível estreitar os laços entre a escola e a Comunidade através de reuniões com os pais. Isto foi comprovado durante o funcionamento das Classes Experimentais em 1959, quando os mesmos não só atenderam todas as solicitações da Escola, mas também, propuseram-se a colaborar espontaneamente com ela.

4. Avaliação do trabalho das crianças

O trabalho desenvolvido permitiu verificar a eficiência da avaliação do trabalho das crianças com elas e com os pais sem o estabelecimento de notas para tal. A comparação do trabalho com o seu próprio trabalho anterior ou a discussão e sugestão dada, em face desse para a confecção do trabalho seguinte satisfizeram plenamente as crianças e aos pais, bem como atingiram os objetivos dos professores de conseguirem o progresso contínuo das crianças.

Chegou-se ao esclarecimento de que a nota não deve ser o objetivo visado pela criança quando vai a escola, mas sim a compreensão na aprendizagem e interesse pelo seu contínuo e total aperfeiçoamento.

5. Trabalho com as crianças

O sistema de auto-disciplina adotado foi desenvolvido com sucesso, porém, esse desenvolvimento é um processo contínuo que deve ser ampliado e aperfeiçoado em cada ano de escolaridade. Assim é que embora satisfeitos com os resultados dos trabalhos, julgamos cedo para tecer conclusões definitivas a respeito do mesmo.

Fatores, como modo de vida em família, tipo de cultura, têm grande influência sobre esse processo e não podem ser modificados repentinamente. Notamos ainda que algumas crianças desenvolveram o senso de responsabilidade e adquiriram atitudes positivas quanto ao mesmo, entretanto, algumas progrediram relativamente pouco.

Os demais aspectos do trabalho foram plenamente satisfatórios.

trabalho e pelo seu aperfeiçoamento profissional, em cujo caso, o referido objetivo teria a seguinte redação:

Numa situação comum de classe, com a orientação adequada, torna-se possível a modificação gradativa de certos métodos e atitudes na escola primária, desde que haja de parte do professor a ser orientado uma atitude flexível quanto à orientação, real interesse e entusiasmo pelo tipo de trabalho que se propõe e ainda interesse pelo seu aperfeiçoamento profissional.

- c - Para que o trabalho seja tão real quanto possível, aos professores de classe deverá caber a incumbência do preparo do material didático.

3. Trabalho com os pais

É perfeitamente possível estreitar os laços entre a escola e a Comunidade através de reuniões com os pais. Isto foi comprovado durante o funcionamento das Classes Experimentais em 1959, quando os mesmos não só atenderam todas as solicitações da Escola, mas também, produziram-se a colaborar espontaneamente com ela.

4. Avaliação do trabalho das crianças

O trabalho desenvolvido permitiu verificar a eficiência da avaliação do trabalho das crianças com elas e com os pais sem o estabelecimento de notas para tal. A comparação do trabalho com o seu próprio trabalho anterior ou a discussão e sugestão dada, em face desse para a confecção do trabalho seguinte satisfizeram plenamente as crianças e aos pais, bem como atingiram os objetivos dos professores de conseguirem o progresso contínuo das crianças.

Chegou-se ao esclarecimento de que a nota não deve ser o objetivo visado pela criança quando vai a escola, mas sim a compreensão na aprendizagem e interesse pelo seu contínuo e total aperfeiçoamento.

5. Trabalho com as crianças

O sistema de auto-disciplina adotado foi desenvolvido com sucesso, porém, esse desenvolvimento é um processo contínuo que deve ser ampliado e aperfeiçoado em cada ano de escolaridade. Assim é que embora satisfeitos com os resultados dos trabalhos, julgamos cedo para tecer conclusões definitivas a respeito do mesmo.

Fatores, como modo de vida em família, tipo de cultura, têm grande influência sobre esse processo e não podem ser modificados repentinamente. Notamos ainda que algumas crianças desenvolveram o senso de responsabilidade e adquiriram atitudes positivas quanto ao mesmo, entretanto, algumas progrediram relativamente pouco.

Os demais aspectos do trabalho foram plenamente satisfatórios.

(XVI) RELAÇÃO BREVE DAS VISITAS RECEBIDAS PELA ESCOLA EXPERIMENTAL
NO SEGUNDO SEMESTRE DO ANO LETIVO DE 1959.

Dado o interêsse que se verificou pelos trabalhos da escola, no primeiro semestre do ano letivo, através das inúmeras visitas recebidas de professores, estudantes e leigos, não só da Capital, como também do interior, resolveu-se fazer uma anotação dessas visitas, no 2º semestre, para contróle das mesmas. Esta iniciativa teve como finalidade, evitar-se que grupos muito numerosos de observadores fôsem introduzidos nas salas de aula, o que não só impediria uma boa observação dos trabalhos, como também viria prejudicar o bom desenvolvimento dos mesmos.

Agôsto

- dia 1ª - Diretora e professores da Escola "Ana Maria"; da Capital
- dia 7 - Alunos da Escola de Canto Orfeônico da Capital
- dia 10 - Professor M. Rosat; do Rio Grande do Sul
- dia 17 - Mr. Schwab e Mr. Sangiovani, o primeiro, diretor do PABEE de Belo Horizonte e o segundo, membro do Ponto IV.
- dia 20 - Profª Circe Villaça Boueri, Profª de Educação e Prática de Ensino da Escola Normal N.S. da Penha, Capital
- dia 21 - Alunos da Faculdade de Filosofia da U.S.P., acompanhados pelo Dr. Fernando de Azevedo, membro daquela entidade e diretor dêste Centro.
- dia 22 - Dr. Gilberto Rizzo - redator da Visão (revista)
- dia 23 - Visita oficial da representante do Grupo de Planejamento da Secretaria da Educação.
- dia 23 - Dr. Antonio Amilcar Oliveira Lima, acessor da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo.
- dia 24 - Sr. Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul
- dia 24 - Diretora da Escola Experimental de Pôrto Alegre
- dia 24 - Iniciaram-se as visitas diárias de grupos de 14 a 16 alunas do Curso de Aperfeiçoamento e 3º ano Normal da E.N. Nossa Senhora da Penha:

Setembro

- dia 1ª - Prof. Davi Golia, licenciado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
- dia 1ª - Dr. Lúcio Grinover - arquiteto
- dia 2 - Profª L. Baungastner, da E.N. Nossa Senhora da Penha
- dia 2 - Sr. G. Abadd, Chefe do Serviço de Intercâmbio de Pessoas da UNESCO.
- dia 3 - Prof. G. Lima Cardoso, Encarregada dos Cursos de Férias do Serviço de Expansão Cultural, especializada em Linguagem
- dia 12 - Alunos do 2º ano Normal da E.N. Riachuelo, Profª Adail B. Barata, do G.E. Vila Madalena, da Capital.
- dia 15 - M.A. Serafim Barcelos, prof. de Sociologia do Colégio Estadual e Escola Normal "Mário Vieira Marcondes", de Barretos
- dia 15 - 16 alunas de Barretos, acompanhadas da profª de Psicologia
- dia 24 - Profª Alexandra Czudeniski - profª auxiliar do diretor do G.E. "Sílvia Romero", de São Caetano do Sul.
- dia 25 - Profª Miriam Xavier Fragoso, diretora da Escola "Chapéuzinho Vermelho", da Capital
- dia 26 - Prof. J. Mendonça e Heloisa Rezende, do Centro Audio Visual de Curitiba, Paraná
- dia 28 - Prof. A. Magalhães, da cadeira de Filosofia da Universidade de Pôrto Alegre.
- dia 29 - Profª Celina A. Natali, do Educandário "D. Duarte", da capital
- dia 29 - Profª Maria Neide Jordão, E.N. Riachuelo, Capital
- dia 30 - Professôres e alunos da Escola Normal Riachuelo, da Capital.
- dia 30 - Srta. Nadir Bazani, do 3º ano do Curso Normal da E.N. Nossa Senhora da Penha
- dia 30 - Visita das professôras e alunos do Curso Normal do Instituto de Educação "Ernesto Monte", de Bauru
- dia 31 - Professôra Tereza P. Medina e Anunciata Cavalheri, alunas do Curso de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação "Cardeal Leme" de Pinhal.

Outubro

- dia 12 - D. Maria Eugênia M. Maldonado, bolsista argentina ao Itamarati
- dia 19 - Sr. Paulo Parente e Exma Sra.

Novembro

- dia 10 - Alunos e professores do Curso de Seleção para o Serviço Audio Visual do CRPE
- dia 10 - Prof. Dr. Vieira e Prof. C. Rumenos, do G.E. M.Zendron, Osasco, Capital
- dia 10 - Profª Marta Cabrejos, de Stª Cruz, Bolívia
- dia 12 - Prof. R. Gouveia, bolsista. do INEP.
- dia 12 - Prof. A.H. de Souza Lima, do C. S.Paulo de Presidente Prudente
- dia 13 - Sr. M. Altos Carvalho, funcionário da Secretaria da Fazenda
- dia 23 - Dona L. Lindenberg, aluna do Curso de Relações Humanas, promovido pelo SESI